

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO**

*O putsch* de 1938

O levante integralista e a imprensa brasileira

Bruna Daniel Araujo Silva

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

## O *putsch* de 1938

O levante integralista e a imprensa brasileira

Bruna Daniel Araújo Silva

## O *putsch* de 1938

Sob orientação do professor

Fabio Koifman

*Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra** em História, na área de concentração Relações de Poder e Cultura*

Seropédica, RJ

(08/2022)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D894p Daniel, Bruna , 1997-  
O putsch de 1938: O levante integralista e a  
imprensa brasileira / Bruna Daniel. - Seropédica,  
2022.  
93 f.

Orientador: Fabio Koifman.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, PPHR/HISTÓRIA, 2022.

1. Putsh. 2. Estado Novo . 3. Imprensa. I.  
Koifman, Fabio , 1964-, orient. II Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro. PPHR/HISTÓRIA III.  
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**TERMO Nº 931 / 2022 - PPHR (12.28.01.00.00.49)**

**Nº do Protocolo: 23083.051758/2022-52**

**Seropédica-RJ, 24 de agosto de 2022.**

BRUNA DANIEL ARAUJO SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23 de agosto de 2022

Banca Examinadora:

Dr. LEANDRO PEREIRA GONÇALVES, UFJF Examinador Externo à Instituição

Dr. LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES, UFRRJ Examinador Interno

Dr. FABIO KOIFMAN, UFRRJ Presidente

*(Assinado digitalmente em 24/08/2022 23:35 )*  
FABIO KOIFMAN  
CHEFE DE DEPARTAMENTO - SUBSTITUTO  
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)  
Matrícula: 1775134

*(Assinado digitalmente em 25/08/2022 16:15 )*  
LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)  
Matrícula: 1353338

*(Assinado digitalmente em 24/08/2022 12:39 )*  
LEANDRO PEREIRA GONÇALVES  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 012.028.466-96

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **931**, ano: **2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **24/08/2022** e o código de verificação: **6cf591fe1e**

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, que apesar das dificuldades que encontrei no caminho estiveram do meu lado o tempo todo como suporte financeiro e emocional, ao meu orientador que ajudou bastante durante esta caminhada, e principalmente a Deus, em que me apoiei o tempo todo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

DANIEL, Bruna. **O putsch de 1938**: O levante integralista e a imprensa brasileira. 2022. 93 p. Dissertação (mestrado em história, Relações de poder e cultura)— Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ 2022.

Durante o governo Vargas, principalmente na época do Estado Novo a imprensa foi controlada em prol do governo. O levante de maio de 1938, foi amplamente abordado pelos jornais, culpabilizando principalmente os integralistas. *O Correio da Manhã*, *O Jornal*, e o *Diário de Notícias*, mesmo sob censura e no contexto de um regime autoritário, expressaram ao público diferentes e significativas perspectivas e vieses relacionados ao episódio. Esse trabalho foi proposto na perspectiva de demonstrar de maneira descritiva como os três jornais de maior circulação publicaram sobre o levante de maio de 1938.

Palavras-Chave: . Putsh, Estado Novo, Imprensa

## ABSTRACT

DANIEL, Bruna. **The 1938 Putsch: The Integralist Uprising and the Brazilian Press**. 2022. 93p. Dissetation (Master in History, Power and Culture Relations)- — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ 2022.

During the Vargas government, especially during the Estado Novo period, the press was controlled in favor of the government. The may 1938 uprising was widely covered by the newspaper, mainly blaming the integralists. *Correio da Manhã*, *O Jornal* and *Diário de Notícias*, even under censorship and in the context of an authoritarian regime, expressed to the public different and significant perspectives and biases related to the episode. This work was proposed in order to demonstrate in a descriptive way how the three newspapers with the largest circulation published about the may 1938 uprising.

Key words: Putsh, Estado Novo, Press

## SIGLAS

ABC- Associação Brasileira de Cultura

AIB- Ação Integralista Brasileira

AN- Arquivo Nacional (nota de rodapé e bibliografia)

AN- Agência Nacional

ANL- Aliança Nacional Libertadora

CNI- Conselho Nacional de Imprensa

DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda

DNP- Departamento Nacional de Propaganda

DOP- Departamento Oficial de Publicidade

DPDC- Departamento de Propaganda e Difusão Cultural

EME- Estado Maior do Exército

LSN- Lei de Segurança Nacional

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	16
<b>1.A ligação entre o Integralismo e o Estado Novo</b>	16
1.1 Guerra aos comunistas	16
1.2 O Estado Novo	17
1.3 Integralismo e o Estado Novo	24
<b>2.Levante de março</b>	28
2.1 Momentos antes do levante	28
2.2 O desenrolar do levante	33
<b>3. O Plano</b>	43
CAPÍTULO II	51
<b>1.Assaltos</b>	51
1.1 Sobre o termo	51
1.2 Assaltos e sequestros	53
1.2.1 Euclides Figueiredo	54
1.2.2 Coronel Canrobert	65
1.2.3 Gois Monteiro	57
1.2.4 Cordeiro de Farias	61
1.2.5 Almério Moura	62

1.2.6 Adalberto Pompilio	63
1.2.7 Euzébio de Queiroz	64
1.2.8 Valentim Benicio	66
1.2.9 Filinto Muller	67
<b>2.Assalto a edifícios públicos</b>	<b>68</b>
2.1 Ferrovia Leopoldina	68
2.2 Rádios e telégrafos	71
2.3 Palácio Guanabara	74
2.4 Marinha	81
CONCLUSÃO	84
BIBLIOGRAFIA e FONTES	86

## INTRODUÇÃO

A dissertação a seguir trata do movimento denominado na imprensa como levante integralista, mais especificamente como três jornais de grande alcance publicaram notícias sobre o levante maio de 1938.

O episódio do presente estudo se deu durante o Estado Novo brasileiro, momento o qual a imprensa já se encontrava sob a censura de um governo autoritário que procurava fazer uso da comunicação de massa, expressa por qualquer tipo de imprensa.

A imprensa, como um meio estratégico para Estado Novo atingir as massas, foi preocupação permanente ao longo do governo Vargas. A abertura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939 surge em um cenário complexo onde ideologias e propostas de governo estavam sendo debatidas.<sup>1</sup>

É importante também ressaltar que vários ministérios foram orientados e até novos foram criados, indicando um plano de estado corporativo, que visava a consolidação do poder por meio dessas várias esferas.<sup>2</sup>

A atenção com a imprensa não era uma inovação do Estado Novo. Já em 25 de maio de 1931 fora criado o Departamento Oficial de Publicidade (DOP).

Esta se deu para cumprir os propósitos da lei orgânica do Governo Provisório, que determinava que os atos oficiais devessem ter ampla divulgação. A ideia era dar visibilidade aos dados sobre a vida social, política, administrativa e, sobretudo, econômica do Brasil, para que a população fosse informada do “verdadeiro estado em que a Revolução encontrou o país” e pudesse “apreciar e julgar conscientemente a sua obra reconstrutora”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> VIEIRA, Ana Paula Leite. “O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 63. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/TESE%20ANA%20PAULA%20LEITE%20%20VIEIRA-Unirio.pdf>, acesso em 14.4.2022.

<sup>2</sup> Idem. p. 64

<sup>3</sup> Idem p. 66

Por certo tempo, o DOP agiu de maneira autônoma, após 14 de março de 1932, começou a atuar em conjunto com a Agência Nacional (AN). O DOP só acabou quando Vargas foi eleito presidente pela Assembleia Nacional Constituinte.<sup>4</sup>

Em 10 de julho de 1934 foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC)

Vinculado ao Ministério da Justiça, cabia ao órgão estudar a utilização do cinema, da radiotelegrafia e outros processos técnicos no sentido de empregá-los como instrumento de difusão, assim como estimular a produção de filmes educativos, por meio de prêmios e incentivos fiscais<sup>5</sup>

Basicamente o DPDC, continuou atuando na imprensa, porém a área de atuação do órgão incluía também toda a área de cultura como, por exemplo, a área cinematográfica. A partir do golpe de 1937 o DPDC incorporou atividades consideradas da área da Agência Nacional, se transformando assim no Departamento Nacional de Propaganda (DNP) “Ao mesmo tempo em que o DNP elimina e combate as mensagens indesejadas, controla e articula a produção dos discursos autorizados a circular”.<sup>6</sup>

A presente dissertação tem como objeto a cobertura da imprensa sobre os incidentes que aconteceram na madrugada do dia 10 para 11 de maio de 1938. Já era a segunda tentativa de subversão da ordem instaurada pelo Estado Novo, atribuída aos integralistas.

O levante tinha envolvimento tanto de integralistas quanto de não integralistas, e tinha o objetivo de sequestrar ou matar autoridades importantes ligadas ao governo de Vargas, e assaltar ou incendiar diversos prédios públicos. Acredita-se que os integralistas tinham como os militares, o objetivo de tomar o poder do país.

O levante, acontecido na madrugada de maio de 1938, foi assunto de publicações de vários jornais. Para a análise para a qual nos propomos, utilizamos especialmente três dos mais importantes jornais publicados na capital do país, o *Correio da manhã*, *Diário de Notícias* e *O Jornal*. Descrevemos a forma como foram noticiadas as partes principais do

---

<sup>4</sup> VIEIRA, Ana Paula Leite. “O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 68. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/TESE%20ANA%20PAULA%20LEITE%20%20VIEIRA-Unirio.pdf>, acesso em 14.4.2022.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem p. 69-70.

levantado de maio publicadas por estes órgãos de imprensa, com o objetivo de registrar as diferenças editoriais e de conteúdo entre os jornais, assim como verificar outras discrepâncias das versões dos fatos apresentadas por eles, conforme apuradas a partir de outras fontes.

Para complementações de informações que, eventualmente, se mostrem necessárias, fizemos uso de documentos processuais judiciais relacionados ao levante como forma de cotejar as informações que a imprensa reproduziu com o que a justiça apurou.

Basicamente o objetivo do presente trabalho, é descrever e interpretar como os três jornais já citados, abordaram as partes principais do levante, para verificar se, e em que medida a imprensa foi afetada ou atingida pelo controle exercido pelo governo na cobertura do levante.

É importante ressaltar que a historiografia que já tratou sobre como os jornais noticiaram o levante integralista. Refiro-me a dissertação de Vinicius da Silva Ramos. Nesta dissertação o autor faz uma análise comparativa entre os jornais *Correio da Manhã* e *O Jornal*.

Durante a vigência do Estado Novo, o jornal *Correio da manhã* tinha uma relação ambígua com a Ação Integralista Brasileira (AIB). Ramos aponta que da leitura dos editoriais, é possível identificar apoio ao integralismo ao mesmo tempo em que, eventualmente, oposição ao mesmo movimento.

A palavra “extremismo” foi utilizada na época, normalmente para qualificar e se referir a esquerda. Já o *Correio da manhã* se utilizou da mesma palavra para tornar equivalentes a AIB e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), dando apoio a lei de Segurança Nacional. Diferente do *O Jornal* que só publicou os detalhes da entrada de militares para o integralismo.

Ramos relata uma mudança no *Correio da manhã* em relação a AIB com um tiroteio em São Sebastião do Caí que foi considerado pelo jornal de responsabilidade exclusiva dos integralistas.<sup>7</sup>

Para Ramos *O Jornal* teve uma relação próxima com o integralismo, publicando muitas vezes sua agenda e seu discurso.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> RAMOS, Vinicius da Silva. “As folhas dos jornais eram verdes?: a Ação Integralista Brasileira nas páginas de *O Jornal* e *Correio da Manhã* (1933-1938)”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, p. 72-73. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/13198/1/Vinicius%20da%20Silva%20Ramos.pdf>, acesso em 15.04.2022.

<sup>8</sup> Idem p. 77.

Assim, na mesma medida que os jornalistas de *O Jornal* visavam um leitor conservador, anticomunista e autoritário, os do *Correio da Manhã*, visavam um público tão conservador e anticomunista quanto seu concorrente, mas preservando certa distância das soluções autoritárias, pregando um liberalismo democrático condizente com as grandes potências europeias da época.<sup>9</sup>

Ramos constatou a tentativa de associar os integralistas aos comunistas:

O jornal foi enfático ao afirmar que o integralismo havia se tornado aquilo que tanto criticara. Tanto é assim que divulgou uma suposta ordem dos chefes do movimento, para que o destino dos que não se entregassem aos quartéis, fosse a morte a tiros e punhaladas, que tanto ficaram consagradas naquele momento como a técnica usada pelos revoltosos, de 1935, embora a comprovação de tais atos não exista. Mas para reforçar seu pacto, a veracidade não é tão necessária, sendo assim importante a aceitação do público.<sup>10</sup>

Já *O Jornal* se limita a descrever os fatos, não criticando agressivamente o movimento.

Tanto foi assim, que no dia seguinte às prisões, um artigo foi publicado no periódico onde o escritor demonstrava toda a sua decepção com os fatos, reclamando da desonestidade de Plínio Salgado, quando este dizia não ser adepto da violência. Entretanto, até chegar a essa leve crítica, mais uma vez o líder integralista é exaltado, lembrando que seu objetivo era “infundir nas massas brasileiras mais vivos sentimentos patrióticos”.<sup>11</sup>

*O Correio da Manhã* deu um tom de heroísmo ao presidente e a filha dele, Alzira Vargas, além de noticiar momentos de bravura contra os integralistas.<sup>12</sup>

Como estratégia, *O Jornal* se utiliza da figura do médico Belmiro Valverde que também fez parte da secretaria nacional de finanças da AIB e foi membro do Conselho

---

<sup>9</sup> Idem p. 87.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem 92

<sup>12</sup> VIEIRA, Ana Paula Leite. “O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 95. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/TESE%20ANA%20PAULA%20LEITE%20%20VIEIRA-Unirio.pdf>, acesso em 14.4.2022.

Supremo do integralismo, para que não ocorressem ataques ou responsabilidades a Plínio Salgado, buscando apontar Valverde como líder intelectual do levante.

Basicamente o que a historiografia tratou sobre o levante até aqui, foram as diferenças entre os jornais, em tempo de ditadura, desde o histórico do jornal até como se portou sobre o levante.

É importante ressaltar que os três jornais utilizados têm linhas editoriais diferentes, tanto o *Correio da manhã* quanto o Diário de notícias tinham uma linha liberal e contra Vargas, já o *O jornal*, antes do Estado Novo tinha uma relação mais amistosa com o integralismo.

A imprensa, como maneira de espalhar os ideais do Estado Novo, sufocada pela censura, porém ainda resistente a seu modo.

De modo distinto, o presente trabalho tem a expectativa de demonstrar por meio da imprensa já citada, usando especificamente o momento do levante de maio de 1938, como os jornais agiam em momento de censura do Estado Novo e se essa censura era eficaz.

Além dos eventos já mencionados, a dissertação trata de depoimentos de pessoas ligadas ao governo que foram vítimas do ataque da noite de 11 de maio de 1938 e a descrição de matérias publicadas sobre o levante, tais como os depoimentos publicados relativos ao primo do presidente, Serafim Vargas e o comandante do corpo de fuzileiros navais, Melciades Alves Portela.

No primeiro capítulo da presente dissertação, descrevo um pouco dos acontecimentos anteriores ao primeiro levante ocorrido em 1935, descrevendo a opinião integralista sobre o levante comunista. Tais acontecimentos demonstram a ligação entre o planejamento do Estado Novo e o integralismo. Dentre os principais pontos, temos a campanha anticomunista.

A seguir, tratamos do primeiro levante, que não é o objeto principal, mas é muito importante para o desenrolar da dissertação, descrevemos um pouco de como os jornais trataram esse primeiro levante e da importância que os militares tiveram no plano.

Para a análise do plano, foram utilizados documentos judiciais como também os jornais que abordaram em suas reportagens as partes do plano, mesmo aquelas que não viriam a ser postas em prática.

Já no segundo capítulo, reservamos uma parte só para as tentativas de golpistas de tomar de assalto prédios públicos e os sequestros a indivíduos ligados ao governo Vargas. Muitas dessas tentativas falharam ou não chegaram a ser postas em prática, diferentes de

outros casos nos quais os insurgentes se utilizaram de armas e bombas, causando estragos. O sequestro do Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra, Canrobert Pereira da Costa foi o mais citado pela imprensa, tratado como herói ou sobrevivente.

No segundo capítulo nos limitamos a tratar ações tentadas nos prédios do governo, como a Ferrovia Leopoldina, no Arsenal de Marinha, no Palácio Guanabara, e as tentativas de incêndio e assaltos a rádios e telégrafos.

Tudo isso foi feito no intuito de descrever como os jornais abordaram o ocorrido, tratando de depoimentos e fontes até aqui não abordados pela historiografia que se ocupou do tema, com o objetivo de avaliar o impacto do controle governamental sobre a imprensa no caso estudado.

É importante que o leitor entenda que a pesquisa foi realizada em ano de pandemia, reduzindo a documentação a meios digitais.

## CAPÍTULO I

### 1. A ligação entre o integralismo e o Estado Novo

#### 1.1 Guerra aos comunistas

Preliminarmente, é importante entender como se deu o processo político e em que contexto se deu o levante, sublinhando especialmente a preocupação geral com a luta contra o comunismo. A guerra contra o comunismo proposta pelos integralistas foi muito importante para se entender o apoio dos integralistas ao novo governo e a tentativa de levante.<sup>13</sup>

Historicamente, a imprensa brasileira criticou os ideais comunistas.<sup>14</sup> Mas foi em 1930, com a queda da Primeira República e Vargas no poder que o comunismo começou a ser visto como um problema dentro do território nacional.

Em um momento que havia a necessidade de encontrar outro modelo diferente do antigo modelo econômico liberal, o comunismo se mostrou uma alternativa atraente aos problemas da população, o que levou não só ao crescimento do comunismo mas também do anticomunismo.

Nessa mesma época surgiu a Ação integralista Brasileira, o anticomunismo a ajudou a conseguir mais adeptos, já que fazia parte de seus ideais e discurso frequente nas suas publicações. O integralismo se dedicou ao combate contra os comunistas e buscou preparar no imaginário brasileiro grande parte do repúdio aos comunistas.<sup>15</sup>

O integralismo se aproveitou do medo da população contra os comunistas, se posicionando anticomunista desde o seu início, mas isso se intensifica após 1935, pois em 23

---

<sup>13</sup> Idem p. 97.

<sup>14</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o “perigo Vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo, Editora Perspectiva/FAPESP, 2002, p. 76-88. Disponível em: [http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di\\_a\\_2.\\_O\\_segundo\\_grande\\_surto\\_anticomunista.1961-64.pdf](http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di_a_2._O_segundo_grande_surto_anticomunista.1961-64.pdf) acesso: 13.04.2022.

<sup>15</sup> Idem p. 24-31.

de novembro houve a chamada intentona comunista liderada por Luís Carlos Prestes, militar e político comunista na época.<sup>16</sup>

Segundo Motta, mesmo quando o assunto anticomunista não estava tão em alta, os jornais integralistas ainda dedicavam um grande espaço sobre o assunto e de forma sensacionalista e alarmista.<sup>17</sup>

Os integralistas faziam provas falsas de um perigo comunista evidente, na tentativa de conseguir fundos. Muitas vezes integrantes do integralismo faziam pichações comunistas em muros de empresários, levando a crer em um perigo iminente. Facilitando assim os pedidos financeiros do integralismo.<sup>18</sup>

Após 1936, o Estado não tinha mais uma rígida campanha anticomunista, devido à como a repressão afetou os militantes da chamada esquerda. Os integralistas protestaram contra esse “guarda baixa”.<sup>19</sup>

Se utilizando desse repúdio aos comunistas, que já haviam sido reprimidos, Vargas apresentou em 1937 o Plano Cohen, divulgando amplamente, manteve assim a razão da ação integralista sobre um suposto perigo crescente do comunismo no Brasil. Integralistas tiveram envolvimento na realização do falso plano comunista.<sup>20</sup>

## 1.2 O Estado Novo

As circunstâncias que levaram ao novo regime são bem anteriores ao plano Cohen. O Estado Novo foi influenciado pelo contexto internacional. Já na Primeira Guerra mundial e com a Revolução Russa em 1917, surge uma nova direita na Europa, em contraponto com a direita tradicional que avançava como alternativa, estabelecendo discursos e as ideologias anticomunistas, antiliberais e antidemocráticas.<sup>21</sup>

Além da forte influência de regimes fascistas como o de Mussolini, há dois nomes que também foram importantes para a constituição dos ideais do Estado Novo. Manoilescu<sup>22</sup> cujas

---

<sup>16</sup> Idem p. 207.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem p. 212.

<sup>19</sup> Idem p. 266.

<sup>20</sup> Idem p. 208.

<sup>21</sup> PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 18. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/142.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf). Acesso em: 07.05.2021.

<sup>22</sup> O romeno Michael Manoilescu foi jornalista, engenheiro, economista e político. A respeito da influência de Manoilescu, ver GOMES, Ângela de Castro Gomes. GOMES, Ângela de Castro. Azevedo Amaral e ‘O século

ideias influenciaram as indústrias Brasileiras e Kamal Atatürk<sup>23</sup> que segundo o comandante do Estado Maior do Exército (EME), Pedro Aurélio Gois Monteiro,<sup>24</sup> era um modelo a ser seguido como construtor de uma nação.<sup>25</sup>

Mas a concepção de que o ideal de Estado Novo é algo vindo somente de fora é muito vaga e algo impreciso, já que, entre outras evidências, desde o começo do governo provisório, foram tomadas medidas necessárias para a construção e estabelecimento de um projeto político centralizador.<sup>26</sup>

Esse golpe não foi uma mudança repentina, mas sim, algo que vinha sendo construído ao longo de todo o governo Vargas. O levante comunista de 1935, por exemplo, foi apresentado como uma ameaça ao poder e agravou ainda mais o sentimento anticomunista da época, repercutindo em grande repressão e perseguição aos comunistas.<sup>27</sup>

Foi decretada a Lei de Segurança Nacional (LSN) para dar respaldo legal a prisão de integrantes da esquerda. Nos dois anos seguintes, o país viveu em estado de Sítio de Guerra<sup>28</sup>. Em setembro de 1936 foi criado o Tribunal de Segurança Nacional, que perseguiu e processou opositores de Vargas levando muitos deles a prisão e ao exílio.<sup>29</sup>

A crise de 1929 incrementou os discursos que defendiam como modelo de Estado os ideais autoritários, questionando o liberalismo, liberdade de expressão e liberdade partidária.<sup>30</sup> Na época, criava-se um ideal de como deveria ser o homem e a sociedade. O Estado Novo foi inspirado em um novo modelo de governo crítico as democracias liberais.

No mandato de Vargas que iria até 1937, Getúlio enfrentou duas grandes frentes políticas: a ANL e a Ação Integralista Brasileira. A ANL foi vista como grande ameaça ao

---

do corporativismo', de Michael Manoilescu, no Brasil de Vargas. *Sociologia & Antropologia* [online], v. 2, n. 4, p. 185-209, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v249>, acesso em 11.7.2021.

<sup>23</sup> Mustafa Kemal Atatürk (1881-1938), presidente da Turquia entre 1923 e 1938.

<sup>24</sup> ABREU, Alzira Alves. *et al* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/goes\\_monteiro](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/goes_monteiro). Acesso em 18.07.2021.

<sup>25</sup> PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 18. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/142.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf), acesso em: 07.05. 2021.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> ARAUJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. ED. Zahar. 2000. S.P Disponível: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=2W3TDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Estado+Novo+Vargas&ots=8OsBFfHq8Q&sig=miDOG3SYK4gtiun32ONhSsFPuEw#v=onepage&q&f=true>, acesso em 28.04.2021.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 18. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/142.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf), acesso em 07.05.2021.

governo. Com o levante de 1935, ANL foi posta na ilegalidade e seus militantes perseguidos.<sup>31</sup>

Um nome muito importante que também contribuiu muito para a elaboração e estruturação do Estado Novo, é o do Ministro da Justiça, Francisco Luís da Silva Campos<sup>32</sup>, que foi o responsável por elaborar documentos importantes para o golpe que Vargas pretendia, tal como a constituição de 1937.<sup>33</sup>

Campos ficou conhecido pelo seu discurso antiliberal, e também pelo anticomunismo e ideal do liberalismo como incapaz de comandar instituições ao qual o integralismo também era adepto.<sup>34</sup> Um ponto importante também é a ligação com o catolicismo conservador, muito presente no integralismo podendo ser visto também nos ideais de Raymundo Padilha, homem que vai ser o porta voz de Salgado após ser exilado devido o levante de maio.<sup>35</sup>

Com o incentivo de aliados e o desgosto com a campanha presidencial de José Americo de Almeida<sup>36</sup>, que segundo Seitenfus, Almeida, tomava iniciativas sem avisar ao Palácio Guanabara, sendo assim, no dia 18 de setembro de 1937, Getúlio Vargas entra em contato com Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, e propõe um “putsch”.<sup>37</sup>

---

<sup>31</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o “perigo Vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo, Editora Perspectiva/FAPESP, 2002, p. 76-88. Disponível em: [http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di\\_a\\_2.\\_O\\_segundo\\_grande\\_surto\\_anticomunista.1961-64.pdf](http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di_a_2._O_segundo_grande_surto_anticomunista.1961-64.pdf) acesso: 13.04.2022.

<sup>32</sup> Verbete relativo a Francisco Luís da Silva Campos (1891-1968), in Alzira Alves de ABREU et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-luis-da-silva-campos>, acesso em 18.05.2021.

<sup>33</sup> BUENO, Roberto. “Francisco Campos y el autoritarismo brasileño. Un diálogo oculto con Carl Schmitt”. *Res Publica. Revista de Historia de Las Ideas Políticas*, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 77-98, 2 jun. 2016, p. 12. Universidad Complutense de Madrid (UCM). Disponível em [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_rpub.2016.v19.n1.52207](http://dx.doi.org/10.5209/rev_rpub.2016.v19.n1.52207), acesso em 14.4.2022.

<sup>34</sup> BUENO, Roberto. “Francisco Campos y el autoritarismo brasileño. Un diálogo oculto con Carl Schmitt”. *Res Publica. Revista de Historia de Las Ideas Políticas*, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 77-98, 2 jun. 2016, p. 12-17. Universidad Complutense de Madrid (UCM). Disponível em [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_rpub.2016.v19.n1.52207](http://dx.doi.org/10.5209/rev_rpub.2016.v19.n1.52207), acesso em 14.4.2022.

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Alexandre Luís de. “Do integralismo ao udenismo: a trajetória política de Raymundo Padilha”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014, p. 32.

<sup>36</sup> José Americo de Almeida. Escritor e político. Disponível: [https://www.ebiografia.com/jose\\_americo\\_de\\_almeida/](https://www.ebiografia.com/jose_americo_de_almeida/), acesso em 04.04.2021.

<sup>37</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 163. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/470/1/GF%2022%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 14.04.2022.

Vargas retira seu apoio a Américo, nomeia Manuel Cerqueira Daltro Filho como interventor do Rio grande do Sul, e usa um suposto perigo comunista para prolongar o Estado de Guerra. Essa situação dura até junho de 1937, surgindo como alternativa o Plano Cohen.<sup>38</sup>

Em 30 de setembro de 1937 é divulgado a nação o plano Cohen, mantendo assim a razão da ação integralista sobre o perigo crescente do comunismo no Brasil. Algo planejado, já que integralistas tiveram envolvimento na realização do falso plano comunista.<sup>39</sup>

O plano comunista intitulado Plano Cohen, era atribuído a Internacional Comunista<sup>40</sup>. Apesar de Vargas e os seus generais plenamente conhecerem da origem verdadeira e artificialidade do documento, ainda assim, ele foi apresentado em reunião da cúpula do governo. Se prestou como justificativa para que fosse produzida uma campanha anticomunista, e mais tarde, foi usado para justificar a instauração do Estado de Guerra que levou ao Estado Novo.<sup>41</sup>

Todas as instruções do falso plano deixavam um claro repúdio aos militares e ao integralismo. Em uma tentativa de se manter no poder, Vargas apresentou a nova Constituição em 10 de novembro de 1937. No texto de sua promulgação, o presidente justificou a nova Carta, argumentando que conflitos partidários ameaçavam levar o país à uma guerra civil. A suposta ameaça comunista fez com que no Brasil se estabelecesse um regime autoritário, e antiliberal.

O chefe do estado maior das milícias integralistas Olimpo Morão Filho, foi quem datilografou o plano. Esse plano levou a Assembleia legislativa e as Câmaras municipais a fechar, neste momento Getúlio Vargas tinha o poder de legislar por meio de decretos lei.<sup>42</sup>

Diversos jornais noticiaram um suposto plano comunista que daria continuidade ao levante fracassado de 1935. Entre eles o *Correio da manhã*, na edição de 1º de outubro de

---

<sup>38</sup> Idem p.166.

<sup>39</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o “perigo Vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo, Editora Perspectiva/FAPESP, 2002, p. 208. Disponível em: [http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di\\_a\\_2.\\_O\\_segundo\\_grande\\_surto\\_anticomunista.1961-64.pdf](http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di_a_2._O_segundo_grande_surto_anticomunista.1961-64.pdf) acesso: 13.04.2022.

<sup>40</sup> Também chamada de *Komintern*. Criada em 1919, seu principal objetivo era criar uma união mundial de Repúblicas Socialistas Soviéticas. ABREU, Alzira Alves de Abreu *et al* (coords.). *Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945)* Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/InternacionalComunista>. Acesso: 17.06.2021

<sup>41</sup> DANTAS, Elyaldo Gonçalves. “Palimpsesto Antissemita: desconstruindo o plano cohen. *Escritas*, Tocantins, v. 6, n. 1, p. 136-137, ago. 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1431/8224>. Acesso em: 16.05. 2021.

<sup>42</sup> *Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*. S/D. Linha do Tempo da legislação Paulista. Disponível em: [https://www.al.sp.gov.br/arquivos/documentacao/linha\\_tempo\\_legislacao\\_paulista/](https://www.al.sp.gov.br/arquivos/documentacao/linha_tempo_legislacao_paulista/). Acesso: 19.04.2021.

1937. Contudo, nesse momento a imprensa mencionou o plano, mas não o nome pelo qual, mais tarde, a fraude passaria a ser conhecido, Plano Cohen.<sup>43</sup>

O falso plano comunista foi descrito como parte de um plano violento visando a eliminação de adversários, assassinato de militares, com o objetivo de conseguir a adesão de estudantes e maçons, libertar seus políticos presos, entre outras. O título da matéria foi “instruções do *Komintern*”.<sup>44</sup>

Na *Gazeta de Notícias*, não foi publicado nada muito diferente, só a justificativa tanto da Marinha quanto do Exército, sobre como o Estado de Guerra seria necessário para a proteção da nação contra a ameaça comunista.<sup>45</sup>

O *Jornal do Brasil*, publicou um dia antes uma nota informando sobre o plano que foi noticiado pela *Voz do Brasil*.

O General Francisco José Pinto, chefe da casa militar da presidência da república, comunicou ontem ao Departamento de Propaganda que seria entregue hoje, quinta-feira, a fim de ser divulgado hoje pela “Voz do Brasil” o texto das instruções do *Komintern*, para a ação de seus agentes em nosso país. Essa documentação foi apreendida pelo Estado Maior do Exército.<sup>46</sup>

Mesmo sendo falso, Vargas se utiliza do plano para prolongar o Estado de Guerra. Em 10 de novembro de 1937, policiais fecham senado e a câmara dos deputados.<sup>47</sup>

Em 1º de novembro de 1937, os integralistas organizaram e realizaram uma parada onde 25 mil homens, desfilaram de maneira militar, da frente do hotel Gloria até o Palácio do Catete. Desfilaram em frente ao presidente Getúlio Vargas, o ministro da Marinha Almirante Henrique Aristides Guilhem e o general Newton de Andrade Cavalcante.<sup>48</sup>

---

<sup>43</sup> *Correio da Manhã* (RJ), 1.10.1937, p. 3, “As instruções do *Komintern* para ação dos seus agentes no Brasil”.

<sup>44</sup> *Correio da Manhã* (RJ), 1.10.1937, p. 3. “As instruções do *Komintern* para ação dos seus agentes no Brasil”.

<sup>45</sup> *Gazeta de Notícias* (RJ), 1.10.1937, p. 1. “O *Komintern* e a ação dos seus agentes no Brasil”

<sup>46</sup> *Jornal do Brasil* (RJ), 30.09.1937, p. 7. “Importantíssimos documentos sobre a ação do *Komintern*”.

<sup>47</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 167-168. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/470/1/GF%2022%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>, acesso em: 14 abr. 2022.

<sup>48</sup> VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “Rebeliões integralistas de 1938: março e maio”. In: BARBOSA, Jeferson Rodrigues et al (org.). *Militares e política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 444.

É proposta uma nova constituição, pois, segundo Vargas, há uma desorganização do país ocasionada também pelos partidos políticos, que naquele momento disputavam por poder e caudilhismo de maneira regional.<sup>49</sup>

Quais são, em resumo, as principais características da nova Constituição brasileira? São cinco: a primeira é sua não-aplicação ... Com efeito, a nova Carta Fundamental deve ser aprovada por referendo, mas este jamais será organizado e Getúlio Vargas contenta-se em governar por decreto. (...) a segunda característica importante da nova Constituição, ela concentra o poder entre as mãos do Estado, personificado por um chefe carismático.(...) O terceiro traço importante da nova Constituição é a submissão completa do Legislativo ao Executivo.(...)  
A criação de um Conselho da Economia Nacional, encarregado, entre outras tarefas, de "promover a organização corporativa da economia nacional" (art. 61, al. a ). (...)  
Quinto e último aspecto importante: a ideia de proteção que o Estado deve conceder à organização sindical.<sup>50</sup>

O estabelecimento do Estado Novo não foi planejado desde o começo do governo provisório, mas sim, um dos resultados decorrentes de vários acontecimentos durante os anos trinta, incluindo também o afastamento dos aliados de Vargas tanto civis quanto militares.<sup>51</sup>

O Estado Novo foi um governo autoritário que teve em sua propaganda, discursos, ideais anticomunistas e buscou aproximação com a Igreja Católica. Esses ideais possuíam sentido semelhante aos ideais de nação, homem e Estado do integralismo. Desses valores em comum, Plínio Salgado associou a ligação entre Vargas e o integralismo quando da instauração desse novo regime.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 169. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/470/1/GF%2022%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>, acesso em: 14 abr. 2022.

<sup>50</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p.169-170. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/470/1/GF%2022%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>, acesso em: 14 abr. 2022.

<sup>51</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 30: as incertezas do regime”. In: ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, 22, 2003, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Dulce Chaves Pandolfi, 2003, p. 1-7. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544\\_f2e92f509ac7b6d2afca12c9afb2e651.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544_f2e92f509ac7b6d2afca12c9afb2e651.pdf), acesso em 06.07.2021.

<sup>52</sup> MORAES, Marcio André Martins de. “Garanhuns sob o símbolo do sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação

Dentro do projeto de construir um sentimento de unidade nacional, se estabeleceu aos opositores do presidente a repressão policial. O novo regime se impôs fazendo uso de propaganda política, campanha nacionalista nas escolas, nos meios de comunicação – imprensa, rádio e contando com o apoio da Igreja Católica. No plano do discurso político-ideológico do governo, o Brasil não seria comandado mais de maneira regional, mas seria sim uma nação una.<sup>53</sup>

Vargas dividiu o exército, manipulou ou cooptou os generais e a imprensa para favorecer a nova política. No processo número 578 instaurado para “apurar a responsabilidade dos integralistas que pretendiam fazer a revolução na noite de 11 para 12 de março de 1938”, há um documento intitulado *A Mystica do Estado Novo*, que dá conta do repúdio por parte de alguns setores militares em relação ao governo, devido a sua intrusão no exército o colocando em maus dizeres, o que talvez explique o desgosto de setores tanto da Marinha quando do Exército, com o novo governo e a tentativa de derrubá-lo.

O Estado Novo apareceu com função de renovação política combatendo os partidos e o coronelismo, mas sustenta sordidamente os grupos desmoralizados de politiquinhos e no mais truculento caciquismo moral que submete até pelo pavor as pacatas populações brasileiras.

Getúlio Vargas arrolhou a imprensa para que os brasileiros nada saibam, mesmo das ameaças estrangeiras e das ordens yanques que ele cumpre e alugou as penas mais prostradas da imprensa. Para a defesa e propaganda do regime, seu novo assalto ao patrimônio da dignidade nacional. Por tudo isto, Getúlio conquistou o título de infame, traidor da nacionalidade. Mas as forças armadas saberão dar a Getúlio a devida resposta.<sup>54</sup>

Quando o Estado Novo foi instaurado, não houve resistência noticiada. A maioria de seus opositores já estava presa ou exilada, além do Estado de sítio dificultar qualquer reação.<sup>55</sup>

---

em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2012, p. 10. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede/handle/tede2/4782#preview-link0>, acesso em: 08. 07.2021.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Arquivo Nacional (doravante, AN), Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL. 266.

<sup>55</sup> Idem.

### 1.3 Integralismo e o Estado Novo

Em 3 de dezembro de 1937, todos os partidos políticos foram fechados. AIB não foi tratada de maneira diferente, o partido e a organização foram postos na ilegalidade. A AIB é transformada na Associação Brasileira de Cultura (ABC).<sup>56</sup>

Assim como fizeram camisas verdes em várias eleições para deputado, Plínio Salgado também se candidatou as eleições, porém para a presidência, mas a eleição não ocorreu devido ao estabelecimento do Estado Novo.<sup>57</sup> Mesmo não tendo aviso prévio sobre o golpe, Salgado o defendeu, ressaltando a impossibilidade da defesa do país no antigo sistema.<sup>58</sup>

Em maio de 1937, Plínio Salgado foi contatado pelo ministro Francisco Campos, para dar apoio ao plano que faria Vargas continuar no poder, indo contra as eleições que iriam acontecer em janeiro do ano seguinte.<sup>59</sup> Como mesmo conivente com o presidente, Plínio Salgado ainda estava pronto caso necessitasse concorrer as eleições, o integralismo tentou sempre se manter na imprensa se apoiando no medo ao comunismo.<sup>60</sup>

Tanto Plínio Salgado quanto boa parte dos integralistas criaram expressiva expectativa de ter ampla participação no Estado Novo, já que o chefe integralista, por meio de uma carta, descreve que foi procurado por Francisco Campos em nome do presidente com o projeto da Constituição em setembro de 1937, Plínio opinou sobre o documento:<sup>61</sup>

---

<sup>56</sup> DOTTA, Renato Alencar. “Elementos verdes: os integralistas brasileiros investigados pelo dops-sp (1938-1981)”. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25102016-133428/pt-br.php>, acesso em 14.03.2020, p. 46.

<sup>57</sup>Idem, p. 20.

<sup>58</sup> MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p. 45. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04. 2021.

<sup>59</sup> DOTTA, Renato Alencar. “Elementos verdes: os integralistas brasileiros investigados pelo dops-sp (1938-1981)”. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25102016-133428/pt-br.php>, acesso em 14.03.2020, p. 83.

<sup>60</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o “perigo Vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo, Editora Perspectiva/FAPESP, 2002. Disponível em: [http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di\\_\\_a\\_2.\\_O\\_segundo\\_grande\\_surto\\_anticomunista.1961-64.pdf](http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di__a_2._O_segundo_grande_surto_anticomunista.1961-64.pdf) acesso: 13.04.2022.

<sup>61</sup> Carta de Plínio Salgado para Getúlio Vargas em 28.01.1938, arquivada no CPDOC da FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/GV/textual/carta-de-plinio-salgado-a-getulio-vargas-comunicando-que-antes-de-responder-se-aceita-ou-nao-a-pasta-a-educacao-ha-que-fazer-um-relato-da-situacao>, acesso em 29.04.2021.

1º) em “princípio” não poderia ser contrário ao estado corporativo, à suspensão de estereis lutas partidárias e a substituição de todos os políticos (sem exceção dos governadores, como me era prometido) por valores novos, com mentalidade formada na doutrina do Estado Novo e dignidade pública (...).

2º) Que não achava necessária a outorga de uma nova constituição, porém julgava suficientes reformas na carta de 1934(...)

3º) – que uma vez que eu não conseguia demover o Governo do propósito da outorga e que o Governo se achava apoiado, segundo o Dr. Campos me afirmava, pelo exército e pela marinha.<sup>62</sup>

Segundo a carta, Campos teria falado a Plínio que o integralismo seria base do Estado Novo, sem mais ser um partido. Era necessário que o integralismo continuasse sendo uma associação educativa e cultural.<sup>63</sup>

Temos aqui uma divisão do movimento, na qual parte aceita a implantação do Estado Novo, porque significa a perseguição a esquerda, ao liberalismo, além de certos ideais integralistas serem parecidos com o do novo governo. Já por outro lado, parte do movimento não sabe que Salgado está cooperando com Vargas.

Salgado teria participado de certa maneira, ou então apoiado implantação do golpe do Estado Novo, sem o consentimento ou a aprovação de membros integralistas. Mas com um amplo movimento de massa ao seu comando, Salgado contribui para que se criasse o clima para o golpe.<sup>64</sup>

Salgado acreditava que a Constituição de 1937 não era exatamente como a doutrina integralista havia previsto, mas seria tomada como uma fase inicial até o que chamavam de “democracia orgânica”. Mesmo apoiando o governo, não se estabeleceria ainda o que deveria ser, na perspectiva dele, uma sociedade integralista. Desde os primórdios do Estado Novo, já havia se estabelecido objeções contra o novo governo por parte de certa quantidade de membros integralistas, já que os contatos entre Salgado e Vargas não eram de conhecimento público.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup>Idem p. 4-5.

<sup>63</sup> Idem p. 5.

<sup>64</sup> MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p. 44. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04. 2021.

<sup>65</sup> Carta de Plínio Salgado para Getúlio Vargas em 28.01.1938, arquivada no CPDOC da FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/GV/textual/carta-de-plinio-salgado-a-getulio-vargas->

Outra questão que devemos levar em conta, é o corporativismo existente tanto nas linhas de pensamento dentro do integralismo quanto no corporativismo no próprio Estado Novo.

Ao analisar a Constituição de 1937, os integralistas identificam-se como elementos visíveis da proposta e da prática corporativista de seu arcabouço teórico. Ao estabelecer uma análise jurídica da legislação, Anor Bluter Maciel destaca a função nitidamente econômica do sindicato como órgão do Estado e delegado de funções do poder público. Não há críticas à proposta, mas há menção de que a AIB possuía um programa mais amplo na organização do Estado Corporativo, que atribuía aos sindicatos outros elementos além do aparato econômico, como a atribuição de mais três funções - função política, cultural e moral.<sup>66</sup>

O corporativismo idealizado para um Estado Integral nunca veio à tona, porém o Estado Novo e a AIB tinham muitos ideais em comum, sendo assim, neste momento foi vista uma oportunidade de poder.

É evidente que Salgado esteve ativo no golpe de 1937, querendo em troca o Ministério da Educação, mas Vargas se utilizou dos inimigos que tinha em comum com o integralismo para manipulá-los, os utilizando somente como força para instaurar o Estado Novo.<sup>67</sup>

A relação entre os integralistas e Getúlio Vargas foi ambígua. Tanto que antes mesmo da implantação do golpe, Vargas mandava vigiar e reprimir o movimento integralista por debaixo dos panos, enquanto publicamente os tratava bem, se utilizando do movimento como estratégia política. Em suma, parte do movimento integralista não confiava no governo.<sup>68</sup>

O reflexo da ambiguidade de Getúlio era a desconfiança, em menor ou maior grau, de parte da base integralista que também se articulava publicamente modificando discursos e ações na medida em que a conjuntura se modificava. Desse modo, não pactua com as interpretações que sobrevalorizam a perspicácia de Getúlio Vargas em detrimento de certa,

---

comunicando-que-antes-de-responder-se-aceita-ou-nao-a-pasta-a-educacao-ha-que-fazer-um-relato-da-situacao, acesso em 29.04.2021.

<sup>66</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. “O Corporativismo e a Tríade Integralista: Miguel Reale, Plínio Salgado e Gustavo Barroso”. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCHI, Marcos Aurélio. Corporativismos Ibero e Latino-americanos. Rio Grande do Sul: Edpuers, 2019, p. 233.

<sup>67</sup> Idem p. 230-231.

<sup>68</sup> MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p. 48-50. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04.2021.

digamos assim, “inocência” dos integralistas no jogo político. Por certo, não desmereço a habilidade de Vargas, apenas condiciono o desenrolar desse processo político a diversos agentes que, em posições diferenciadas e em graus variados, agiram nesse contexto de instauração do Estado Novo e de meia ruptura entre integralismo e governo.<sup>69</sup>

Em primeiro momento, a AIB parece contente com o novo governo, mas logo as relações entre o governo e integralismo se tornam ambíguas, já que Vargas não colocou em prática a real participação da liderança do integralismo nesse novo governo.<sup>70</sup>

Perante a tudo aquilo que o integralismo havia conquistado (vários adeptos, escolas e núcleos), houve por meio de correspondência, a súplica de Salgado ao presidente para que permitisse a continuidade do trabalho já feito há anos, mas a partir daquele momento como parte integrante do governo. Em mesma carta Plínio Salgado teria se queixado de como os inimigos do movimento integralista, em especial do meio da imprensa, haviam feito alianças com nomes importantes do governo, mantendo assim os seus jornais em pleno funcionamento, enquanto os jornais integralistas foram fechados e o nome do movimento perseguido.<sup>71</sup>

O líder integralista reclamou de como a imprensa foi aos poucos atacando e atingindo a imagem do integralismo, afirmando crer que os membros do movimento tivessem sido usados. Salgado acreditava que os diários recebiam ordens diretas do governo para atacar o movimento e os jornais, começaram a omitir notícias deixando a partir daí de mencionar o nome de Plínio Salgado.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p. 44-50. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04. 2021.

<sup>70</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/470/1/GF%2022%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 14.04.2022, p.178.

<sup>71</sup> Carta de Plínio Salgado para Getúlio Vargas em 28.01.1938, arquivada no CPDOC da FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/GV/textual/carta-de-plinio-salgado-a-getulio-vargas-comunicando-que-antes-de-responder-se-aceita-ou-nao-a-pasta-a-educacao-ha-que-fazer-um-relato-da-situacao>, acesso em 29.04.2021.

<sup>72</sup> Idem.

O nome do integralismo não desaparece, o movimento é sistematicamente criticado pela imprensa, que naquele momento dava amplo destaque as notícias de fechamento dos partidos e o fechamento da AIB.<sup>73</sup>

A respeito do desfile realizado em 1º de novembro de 1937, esse fato foi timidamente noticiado, como foi o caso do *O Jornal*, que se limitou a fazer registro do fato por meio de uma pequena nota.<sup>74</sup>

O que contribuiu de forma significativa para que o levante ocorresse foi o fechamento das sedes integralistas e ideia de haveria apoio militar.<sup>75</sup>

Mesmo com a propaganda integralista tendo sido posta na ilegalidade, alguns jornais integralistas ainda eram publicados no começo de 1938, tais como *a Ação* e *a Ofensiva*, porém não citavam mais o nome integralismo.<sup>76</sup>

O regime instaurado por Vargas relacionou os integralistas como totalitários, fazendo com que o governo parecesse democrático. Basicamente o Estado Novo veio como uma solução moderada para que o Brasil não caísse nos extremismos da direita ou esquerda. “A maior parte das investigações envolvendo integralistas durante o Estado Novo refere-se a suspeita de algum tipo de envolvimento com o Eixo.”<sup>77</sup>

## **2. Levante de março**

### **2.1 Momentos antes do levante**

O levante de março tem claro envolvimento de militares, contando segundo o livro de Marly Vianna, como chefes do movimento:

---

<sup>73</sup> *Correio da Manhã* (RJ), 04.12.1937, p. 14. “Não existem mais partidos políticos nem milícias cívicas” e *Correio da Manhã* (RJ), 07.12.1937, p. 2. “Estão sendo fechados os núcleos partidários nos estados”.

<sup>74</sup> *O Jornal* (RJ), 26.11.1937, p. 5. “O presidente da república assiste a um desfile integralista”.

<sup>75</sup> MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p. 62. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04. 2021.

<sup>76</sup> DOTTA, Renato Alencar. “Elementos verdes: os integralistas brasileiros investigados pelo dops-sp (1938-1981)”. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016, p. 75. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25102016-133428/pt-br.php>, acesso em 14.03.2020.

<sup>77</sup> Idem p. 80-82.

Os integralistas Belmiro Valverde (médico), Carlos de Faria e Albuquerque (capitão do exército da artilharia, filho do general Caetano de Farias Albuquerque; José Loureiro Jr. (Genro de Plínio Salgado; Raimundo Barbosa Lima (Médico); Eduardo Pacheco de Andrade e Lafaiete Soares de Paula (estudantes de direito)<sup>78</sup>

Segundo Vianna, os militares tiveram amplo envolvimento com o levante, isso se deu por conta também do histórico de ideais perpassados dentro das organizações militares, que almejavam o controle do poder. É importante também ressaltar que grande parte dos marinheiros eram filiados ao integralismo.<sup>79</sup>

O governo que os militares queriam implantar, não tinham o intuito de ter envolvimento integralista.<sup>80</sup>

Se acaso tivessem alcançado vitória, o governo seria tomado pelos generais Castro Júnior, Pantaleão Pessoa e almirante Vasconcelos (Crockrane).

Antes de 10 de novembro de 1937, Vargas passava a impressão de ter uma posição ambígua em relação ao integralismo, na qual ao mesmo tempo que os apoiava em seus discursos também tratava o partido de maneira indiferente. Com a instauração do Estado Novo, o funcionamento e o prestígio do movimento junto ao governo são abalados.

Segundo o *Correio da Manhã* podemos verificar resistência de parte dos integralistas já durante o fechamento de suas sedes, um exemplo disso é a notícia de distribuição de boletins:

Agora porém, tem a polícia as suas vistas voltadas para elementos que pertenciam a extinta Ação integralista Brasileira, por isso que os mesmos vêm desenvolvendo não só uma campanha derrotista contra o regime vigente, como ainda se aventurando a missão de distribuir boletins subversivos, tal como faziam os comunistas.<sup>81</sup>

---

<sup>78</sup> VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “Rebeliões integralistas de 1938: março e maio”. In: BARBOSA, Jeferson Rodrigues et al (org.). Militares e política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 447.

<sup>79</sup> Idem, p. 433-443.

<sup>80</sup> Idem, p. 446.

<sup>81</sup> *Jornal do Brasil* (RJ) 24.12.1937, p. 24, “propaganda subversiva contra o regime preso um elemento da extinta ação integralista quando distribuía boletins”.

Armamento ligado ao nome dos integralistas, começou a ser encontrado pela polícia como conta na matéria do *Correio da Manhã* intitulado “possuíam armas e munições”. “Chegou ao conhecimento do Sr. Israel Souto que na residência de diversos membros da extinta ação integralista, pertencentes ao núcleo da Ilha do Governador havia grande quantidade de armas e munições”.<sup>82</sup>

Mas o citado acima é só um exemplo de como o jornal faz menção a vários momentos em que o nome do integralismo, estava ligado a aquisição, contrabando de armas e distribuição de boletins contra o governo. A ideia de que poderia acontecer algum tipo de ato contra o governo começava a ficar cada vez mais aparente.<sup>83</sup>

No dia primeiro de dezembro de 1937, Getúlio começou a suspeitar de um possível golpe integralista. Em seu diário, fez o registro de como os integralistas o ameaçavam e começavam a fazer reuniões de repúdio.<sup>84</sup>

Vargas teria suspeitado de que havia um risco de conspiração integralista com o possível apoio dos ativistas e membros das forças armadas. Tal percepção se deu a partir do momento em que foi informado de que existiam boletins distribuídos na Marinha contra o governo.<sup>85</sup>

Em suas memórias, o presidente anotou que naquele momento teria procurado, sem sucesso, Plínio Salgado para tentar uma aproximação junto ao chefe integralista, que pudesse sensibilizá-lo a tomar as medidas necessárias, e que a partir daí, colaborasse com o governo, ou em caso de recusa, alertá-lo para as consequências. A comunicação não pode ser estabelecida.<sup>86</sup>

O presidente também fez comentários sobre a ambiguidade de Salgado que concordou com a dissolução do integralismo, mas naquele momento procurava Generais e se virava contra o governo.<sup>87</sup>

---

<sup>82</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 07.12.1939 p.- “possuíam armas e munições: detidos pela polícia política”.

<sup>83</sup> HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 135. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

<sup>84</sup> VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, Volume II, p. 114.

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> Idem, p.113

<sup>87</sup> Idem.

Já em janeiro de 1938 é possível identificar uma pequena revolta em Campo Grande, publicada em letras garrafais pelo *Correio da Manhã*, basicamente um grupo de integralistas atacou a polícia.<sup>88</sup>

O próprio *Correio da Manhã* publicou uma nota sobre o integralismo, na qual o integralismo é descrito como um movimento que vai contra a ordem, e mesmo com suas sedes fechadas, ainda eram um movimento que estaria crescendo discreta e sigilosamente.

Neste momento, não há quem não contribua com seu exemplo e seu esforço para ajudar a tarefa do governo em favor da ordem. Não há quem não contribua para isso – exceto os integralistas. E’ a conclusão a tirar do que acontece, e, sendo esta a conclusão, cabe ao governo o direito e ao governo ocorre o dever de abrir o processo regular a esse gênero de pequenas insurreições. Abra-se o processo, já que do integralismo apenas se fecharam aparentemente os núcleos, continuando, entretanto, ele a florescer na sombra.<sup>89</sup>

Os integralistas estavam sendo vigiados, perseguidos de forma explícita, assim como a inspeção em seus núcleos era feita de maneira aberta, tanto que também foram publicados registros a esse respeito no *Correio da Manhã*, como podemos ver no exemplo abaixo:

Prosseguem as diligências da polícia em torno da ação dos integralistas que persistem em ocultar armamento e munições. Ainda na madrugada de ontem foram efetuadas várias diligências, tendo sido varejados vários núcleos, efetuando-se prisão de pessoas suspeitas.<sup>90</sup>

Esse jornal em específico ressalta também uma provável conspiração integralista, devido a descoberta de arsenais, a descoberta de uma conspiração em Campo Grande e denúncias de Niterói.<sup>91</sup>

O *Correio da Manhã* noticiou o caso do núcleo de Petrópolis, onde foi encontrado uma lista de inimigos do integralismo, junto a armamento. Neste momento, o jornal já noticiava um possível plano que estouraria em várias partes do país. “Segundo apuramos a

---

<sup>88</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 18.01.1938, p.14, “Campo Grande viveu ontem momentos de intensa agitação: integralistas atacaram a polícia, usando mosquetões e pistolas do TYPC ‘parabélum’ ”.

<sup>89</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 19.01.1938, p. 4, “Integralismo”.

<sup>90</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 21.01.1938, p. 6, “Campanha contra os integralistas nesta capital: A polícia continua a varejar núcleos e a efetuar prisões”.

<sup>91</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 01.02.1938, p. 4, “Tópicos e notícias: As conspirações verdes”.

polícia do Estado do Rio de Janeiro está senhora de um plano subversivo com ramificação em várias partes do país”.<sup>92</sup>

No *Diário de Notícias* não temos grande diferença em relação a publicações sobre os integralistas, antes mesmo do levante, já era noticiado armamento ligado ao movimento integralista. Tais notícias foram publicadas também durante o fechamento de suas sedes.

Após a transformação da AIB para ABC as denúncias continuaram. Publicações sobre distribuição de boletins, casos envolvendo tiroteio com a polícia e arquivos encontrados, são amplamente noticiados.<sup>93</sup>

Em *O Jornal* encontramos algo um pouco diferente. É publicado que o fechamento dos partidos está sendo feito sem nenhum tipo de obstáculo, provavelmente porque a organização do plano estava sendo feita de maneira secreta.

Segundo *O Jornal* tudo que estavam fazendo a respeito da movimentação suspeita eram medidas policiais nos núcleos ilegais. A ABC continuava ativa e sem previsão de fechar.<sup>94</sup>

Sabemos que em recente reunião a câmara dos quarenta, órgão do antigo integralismo, com o voto de 38 de seus membros, aprovou a indicação do Sr. Plínio Salgado para colaborar com o governo Federal, em determinada função.

Apesar dessa aquiescência, por motivos supervenientes, o governo não tornou efetivo o aproveitamento dos serviços do chefe da extinção ação integralista.<sup>95</sup>

Getúlio, em seu diário, escreveu que, poucos dias antes do levante, foi informado sobre um provável movimento. O Ministro da Guerra o avisou sobre uma conspiração militar envolvendo o General de Divisão Francisco José Silva Junior<sup>96</sup> e Newton Cavalcanti, com a participação de integralistas.<sup>97</sup>

---

<sup>92</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 16.02.1938, p.12, “A desarticulação da ação integralista de Petrópolis: Chegaram presos a nichteroy doze elementos daquele núcleo do sigma”.

<sup>93</sup> *Diário de Notícias*- 19.01.1938, p. 7, “Dispararam numerosos tiros contra a policia: eleva-se trinta o numero de pessoas presas como envolvidas nos acontecimentos de Campo Grande” e *Diário de notícias* (RJ). 16.02.1938, p. 7, “Outros esclarecimentos sobre a apreensão de arquivo integralistas, em Petrópolis”.

<sup>94</sup> *O Jornal* (RJ) 20.1.1938, p. 4, “O governo não cogita de cassar o registro da abc: Em palestra com os jornalistas, o ministro da justiça aborda diversos assumptos do momento”.

<sup>95</sup> *O Jornal* (RJ) 28.01.1938, p. 4, ”A colaboração do integralismo com o governo: havia sido aprovada pela câmara dos 40 por 38 votos”.

<sup>96</sup> Participou ativamente do Governo Vargas tendo envolvimento na instauração do governo e na repressão aos comunistas. ABREU, Alzira Alves de Abreu *et al* (coords.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-

O presidente entrou em contato com o interventor do Estado do Rio de Janeiro, o qual deixou Vargas ciente a respeito de como a polícia agiria caso realmente ocorresse o provável levante. A certeza de Vargas se baseava nos informes, dando conta da preparação do movimento que chegavam de todas as partes do país.<sup>98</sup>

Basicamente a conspiração contra o governo aconteceu desde o início do Estado Novo. Há relatos da apreensão de armamento ligado aos integralistas.<sup>99</sup>

A articulação entre os integralistas e os liberais começou em uma reunião entre Plínio Salgado e Otávio Mangabeira, político de oposição a Vargas. O objetivo supostamente era formar uma junta militar provisória chefiado pelo general João Cândido Pereira de Castro Junior e voltar com a constituição de 1934.

São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Bahia e Pernambuco eram os lugares que o levante iria acontecer. O plano determinava que a ação começaria no Rio de Janeiro, com assalto a estação de rádio Marink Veiga, de onde emitiriam o sinal para o levante em outros estados.<sup>100</sup>

## 2.2 O desenrolar do levante

Segundo Victor, Reale recorda de um encontro entre Plínio Salgado e Otávio Mangabeira, onde os dois planejaram o começo das articulações contra o governo, dando início assim uma ligação neste contexto entre os integralistas e os liberais.<sup>101</sup>

Além de integralistas, também estavam envolvidos militares e civis que não estavam satisfeitos com o governo Vargas. “Nesse ambiente conspiratório, os integralistas rebeldes se reuniam frequentemente na residência de Plínio Salgado, na rua Voluntários da Pátria,

---

1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível:<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/silva-junior-francisco-jose-da>. Acesso: 07.05.2021.

<sup>97</sup> <sup>97</sup> VARGAS, Getúlio. Getúlio Vargas: Diário. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, Volume II, p. 114.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. “Getúlio Vargas e o Integralismo: histórias de pescador”. *Revista Angelus Novus*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 63-82, maio 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/88854/91728>, acesso em 03.7.2022, p. 21.

<sup>100</sup> Idem, p. 21-23.

<sup>101</sup> Idem, p. 21.

enquanto, no Hotel Glória, local em que se encontrava Otávio Mangabeira, ia se configurando a colaboração do movimento.”<sup>102</sup>

Flores da Cunha exilado no Uruguai mandava dinheiro através de Carlos Bernadinho de Aragão Bozano para financiar parte das despesas do levante.

O levante estava planejado para acontecer também em outros estados como São Paulo e Minas Gerais, a partir da transmissão feita pela rádio Mayrink Veiga. Mas a polícia impediu os milicianos liderado pelo tenente Loyola e Dr. Tavares a tempo, impossibilitando o cumprimento da missão.<sup>103</sup>

O movimento iria acontecer durante o carnaval, que caiu naquele ano, no dia dois de março, mas foi adiado devido ao fato das forças armadas estarem naquele momento em alerta, em razão dos boatos de revolta que começaram a ficar frequentes.

Apesar das suspeitas e boatos, o único conflito envolvendo integralistas em 2 de março de 1938, Quarta-Feira de Cinzas, registrou-se no Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no distrito de Glycério, município de Macaé. Neste, integralistas locais foram presos ao tentarem tomar a usina geradora de energia elétrica da região, e assim, com a cidade às escuras, assaltar o forte Marechal Hermes.<sup>104</sup>

*O Jornal* publicou uma notícia a respeito de boatos relacionados a um possível levante durante o carnaval, com os rumores se intensificando, acreditavam que o levante aconteceria na Quarta-feira de Cinzas, mas com o reforço da vigilância, os integralistas chegaram à conclusão que aconteceria do dia 10 para o dia 11 de março.<sup>105</sup>

O *Diário de Notícias* já se referia ao acontecido como “intentona”, mas não de maneira sistemática conforme passou a aparecer no jornal a partir da segunda tentativa. Como

---

<sup>102</sup> Idem, p. 22.

<sup>103</sup> Idem, p. 23.

<sup>104</sup> “Em Macahé”. *Diário de Notícias* (RJ), 19. 03.1938, *apud* HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 139. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

<sup>105</sup> *O Jornal* (RJ) 18.03.1938, p. 4, “Movimentadas diligências policiais em torno da antiga ação integralista Brasileira”.

podemos ver na matéria o título “Frustrada uma tentativa de subversão da ordem”, a palavra intentona não foi utilizada para chamar atenção dos leitores.<sup>106</sup>

O registro publicado a respeito dos boatos sobre um possível levante na terça feira de carnaval o que levou o reforço policial no dia:

A polícia, desde logo, iniciou uma série de diligências e no mês de fevereiro último, veio a saber que no dia marcado para execução do plano subversivo, seria na terça-feira de Carnaval. Redobram as autoridades das seções política e social os seus esforços sabendo nas vésperas daquele dia, ter sido adiado para 10 ou 11 de março, o propalado levante.<sup>107</sup>

Entre os dias 10 e 11 de março, os integralistas estiveram em alerta de prontidão. Guardas da Marinha comandados pelo almirante Jatir Carvalho Serejo<sup>108</sup> foram à sede da Escola Naval, na Ilha das Enxadas, conseguiram uma lancha para chegar ao Arsenal de Guerra. Neste momento, Serejo recebeu um telefonema do tenente Arnaldo Hasselmann Fairbain<sup>109</sup> os orientando a abortar o plano e retornar.<sup>110</sup>

O episódio foi de conhecimento do governo, e se configurou em evidência concreta da materialidade da revolta. O que fez produzir, já em março, a repressão e a prisão exemplar de 15 indivíduos armados na Rua da Harmonia, bairro de Gamboa, Rio de Janeiro. Após a detenção, os indivíduos confessaram a participação e delataram todo o plano.<sup>111</sup> O líder detido foi Gilberto Dias Werneck<sup>112</sup>, monitor no integralismo, que ao ser interrogado, assumiu que estava seguindo ordens do Comandante Manoel Cerqueira Daltro Filho.<sup>113</sup> O superior deste

---

<sup>106</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 18.03.1938, p. 7, “Frustrada uma tentativa de subversão da ordem: Elementos da extinta ação integralista tramavam contra o regimen”.

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> Jatir Carvalho. Disponível: <https://www.educamaisbrasil.com.br/escolas/centro-de-ensino-nelson-serejo-de-carvalho-anexo-i-ze-doca>. Acesso: 18.05.2021.

<sup>109</sup> Hasselmann Fairbain. (1909-1992). Oficial da Marinha e filiado a AIB. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arnoldo-hasselmann-fairbain>. Acesso: 30.04.2021.

<sup>110</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. “Getúlio Vargas e o Integralismo: histórias de pescador”. *Revista Angelus Novus*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 63-82, maio 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/88854/91728>, acesso em 03.7.2022.

<sup>111</sup> *Jornal do Brasil* (RJ) 18.03.1938, p. 3, “Seriam Feitos Degolamentos e Massa”.

<sup>112</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 421.

<sup>113</sup> Idem, p. 391.

era o bandeirante integralista, membro da câmara dos 400, Carlos Henrique Robertson Liberalli<sup>114</sup>, que agiu sob as ordens do civil, instrutor regional no integralismo e comerciante Moacyr Rodrigues Monteiro da Fonseca.<sup>115</sup> Esse último fazia também parte da milícia integralista onde respondia as ordens do Tenente Loyola, e estava em contato com chefes importantes do integralismo e com o próprio Plínio Salgado.<sup>116</sup>

Em relação ao golpe de março, não houve uma repressão significativa ou maiores cuidados preventivos para o caso de ocorrer um novo levante. Segundo Miranda, a maneira em que o primeiro levante se desenvolveu demonstrou muito mais as falhas do movimento, levando a desarticulação de alguns de seus militantes.<sup>117</sup>

De acordo com o depoimento do integralista e capitão de artilharia do exército brasileiro Carlos Faria de Albuquerque, e com os relatos policiais conforme foram publicados nos jornais, o objetivo do plano era controlar os serviços vitais, tais como usinas elétricas e bancos.<sup>118</sup>

Nos preparativos desses planos de março de 1938, previamente os chefes de todos os núcleos integralistas receberam um questionário perguntando sobre o número de veículos, postos de meio de comunicação, usinas, fábricas e núcleos.<sup>119</sup>

Na mesma época, foram registrados outros eventos relacionados a esse primeiro movimento de março de 1938, como por exemplo, os ocorridos nos municípios de Paraíba do

---

<sup>114</sup> Idem, p. 402.

<sup>115</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, br\_rjanrio\_c8\_0\_apl\_0165\_v\_06\_d0001de0001, nº 595, p. 26. “Tentativa de movimento. Subversiva da ordem pública e mudança, ela força do regime vigente, na qual tomaram parte elementos da extinta. Ação Integralista. Brasileiros e militares da ativa e da reserva.”

<sup>116</sup> HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 140. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “Rebeliões integralistas de 1938: março e maio”. In: BARBOSA, Jeferson Rodrigues et al (org.). *Militares e política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 446.

<sup>117</sup> MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2009, p. 55. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04. 2021.

<sup>118</sup> *O Globo* (RJ) 18.03.1938 “Assalto aos quartéis”, *apud* HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 140. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

<sup>119</sup> HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 140. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

Sul, Campos e Petrópolis, cidades nas quais foram encontrados depósitos e apreendidas armas.<sup>120</sup>

O plano de assalto ao Palácio Rio Negro, regular residência de verão do Presidente da República, recebeu bastante destaque. Os integralistas estavam em poder da planta do prédio que facilitava planejar as rotas de fuga e possíveis acessos ao prédio.<sup>121</sup>

O *Correio da Manhã*, noticiou o levante de março como se uma grande matança tivesse sido planejada, conforme o título da matéria expressou que “Seriam feitos degolamento em massa”. No decorrer do texto, a matéria fez menção a um movimento sanguinário ligando os aos comunistas. Assim, procurando estabelecer junto aos leitores essa associação entre dois movimentos divergentes, tinham por objetivo manchar a imagem do integralismo perante a opinião pública. “Pelo relato que vamos fazer se verá que pretendiam os integralistas agir com a mesma sanha covarde e sanguinária daqueles que tanto acusavam e combatiam: os comunistas”.<sup>122</sup>

Algo bem interessante é que essa matéria só é publicada no dia 18 de março, 7 dias após o ocorrido. Na mesma matéria é possível ler sobre os boatos que percorriam o país. Desse modo, suspeitamos de que os boatos tinham a intenção de deixar as autoridades ficassem sempre de prontidão. O costume com os boatos permitiu que a data fosse mudada e o levante pudesse ocorrer de maneira mais segura.<sup>123</sup>

A respeito das prisões publicadas pelo jornal, podemos citar a do tenente Hollanda Loyola<sup>124</sup>, professor e oficial da reserva, que teria relatado que o levante ocorreria em vários pontos do país, e que estavam esperando o sinal para invasão dos quartéis do exército e da polícia. Também foram arrolados e presos na mesma oportunidade Carlos Henrique Robertson Liberalli, Moacyr Rodrigues Monteiro da Fonseca, Carlos Faria Albuquerque<sup>125</sup>, Capitão José Nunes da Silva Sobrinho e Roberto Cortines, engenheiro e chefe integralista.<sup>126</sup>

Foi indicado também apoio de elementos dentro da própria polícia militar. Sendo assim é possível ler no *Correio da Manhã* uma estratégia repressiva dentro da polícia militar que acarretou prisões na corporação.

---

<sup>120</sup> Idem, p.145.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> *Correio da Manhã* (RJ).18. 03.1938, p.3, “Seriam feitos degolamentos em massa”.

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL144, v.1.p 27.

<sup>125</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 383.

<sup>126</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL144, v.1. p. 86 e *Jornal do Brasil* (RJ) 18.03.1938, p. 3. “Seriam Feitos Degolamentos em Massa”.

Basicamente, as informações mais ressaltadas foram que davam conta da intenção de realizar massacres, de material bélico encontrado e do plano de assaltar a usina de Botafogo.<sup>127</sup>

Segundo a coluna “Pingos e Respingos” do *Correio da Manhã*, o sinal para o começo do levante era a chegada dos submarinos *Timbira, Tamoyo, e Tupy*. Como responsáveis por impedir o levante, o jornal atribuiu ao bom serviço da “polícia política em colaboração com a dos Estado e com as autoridades superiores da Marinha e do Exército”.<sup>128</sup>

Em outro artigo, no mesmo jornal, foi descrita a prisão de vários integralistas após a tentativa de levante. O Genro de Vargas Ernani do Amaral Peixoto, na época interventor Federal, adotou uma série de medidas visando sufocar qualquer tipo de movimento subversivo que pudesse surgir, dentre os quais, podemos citar a realização de buscas com o objetivo de evitar fugas, assim como o estabelecimento de sentinelas em vários pontos da cidade.<sup>129</sup>

É significativa e perfeita analogia que existe entre o plano da conspiração integralista, na forma como agora revelou a polícia, e o outro plano, de conspiração comunista em que deitou mão o governo à meses. O processo para o golpe é o mesmo, o mesmo programa de sequestro e eliminações sumárias (...).<sup>130</sup>

No decorrer do tempo, o jornal tratou das prisões e como estaria se desenrolando o levante em diversos estados, fazendo registrar os atos mais agressivos daquele movimento.<sup>131</sup>

O *Correio da Manhã* foi o jornal que mais se ocupou sobre o caso. O *Jornal do Brasil* também noticiou o acontecimento, inicialmente informando como os boatos deixaram as autoridades alertas, escrevendo também sobre a terça-feira de carnaval em que havia rumores sobre um ataque surpresa nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.<sup>132</sup>

---

<sup>127</sup> *Correio da Manhã* (RJ), 18.03.1938, p.3. “Seriam feitos degolamentos em massa”.

<sup>128</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 19.03.1938, p. 3. “O fracassado movimento integralista”

<sup>129</sup> *Idem*.

<sup>130</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 19.03.1938, p.4. “Extremismos”

<sup>131</sup> *Correio da Manhã* (RJ). 25.03.1938, p.12. “Assaltaram o caminhão e puseram em liberdade os integralistas: prenderam e desarmaram as autoridades policiais de Nova Iguaçu”

<sup>132</sup> *Jornal do Brasil* (RJ) 18.03.1938, p. 7, “O Brasil esteve na iminência de graves acontecimentos”.

Foi noticiado que quem controlou a situação foi a polícia que investigou os quartéis, com a ajuda do Coronel das forças armadas brasileiras Pinto Guedes<sup>133</sup> que conseguiu acabar com a trama que estava articulada com o movimento no Rio de Janeiro.<sup>134</sup>

O *Diário de Notícias* registrou a existência de uma carta de Plínio Salgado ao presidente, cujo conteúdo explicava que o movimento teria sido articulado por ex integralistas que não faziam parte da ABC. Nessa mesma edição do jornal, registrou-se que Salgado junto com Gustavo Barroso, Madeira de Freitas e Barbosa Lima eram naquele momento considerados foragidos.<sup>135</sup>

O jornal descreveu alguns detalhes de como teria sido organizado esse primeiro levante. Descreveu que, dentre outros, tinha como objetivos:

1º levantar uma estatística. “identificar e localizar”: a) Viaturas automóveis (...) 2º capacidade de armamentos, dos camisas verdes do districto (...) 3º providenciar o quanto antes: designações prévias de substitutos, para si e para cada um dos companheiros incumbidos de missões de responsabilidade nos casos de impedimentos previstos; (...) 4º identificar e levantar um croquis de células comunistas identificadas no município, bem como das casas de moradia de comunistas conhecidos.<sup>136</sup>

A residência de Belmiro Valverde, foi um dos maiores pontos de concentração dos conspiradores. O levante levaria ao assalto dos quartéis e edifícios públicos. Foi publicado pelo *O jornal* que os militares também estavam envolvidos, e que esses foram presos pelo ministro da guerra antes mesmo que o levante ocorresse.<sup>137</sup>

*O Jornal* também noticiou que haveria uma senha para os conspiradores:

---

<sup>133</sup> ABREU, Alzira Alves de. *et al* (coords.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://cpdoc.fgv.br>, acesso em 15.04.2022.

<sup>134</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 18.03.1938, p.7, “Frustrada uma tentativa de subversão da ordem: Elementos da extinta ação integralista tramavam contra o regimen”.

<sup>135</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 19.03.1938, p. 2, “A revolução que fracassou: Novos detalhes sobre as atividades dos integralistas, visando subverter a ordem”.

<sup>136</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 20.03.1938, p.3, “Ainda a fracassada intentona integralista”.

<sup>137</sup> *O Jornal* (RJ) 18.03.1938, p.4, “Movimentadas diligências policiais em torno da antiga ação integralista Brasileira”.

Os conspiradores obedeceriam que conforme apurou a polícia seria o número três. Três dedos estendidos para cima. Três sinais luminosos num quartel. Três apitos. Três sinos, etc. Contudo não foi ela usada nem uma só vez se quer.

Alardearam os elementos desde a solidariedade da Marinha Nacional aos seus planos. Contaram que no dia 10 a armada desferiria o golpe, simultaneamente com os movimentos de quarteis de ruas. Adiantavam mais que no dia 11, no banquete da Escola Naval, o presidente da República seria feito prisioneiro juntamente com todo o Ministério. Nesse instante três aviões voariam sobre a cidade dando a todos os camisas verdes o sinal convencionado da vitória<sup>138</sup>

Na casa de Belmiro Valverde, naquele momento foragido, foram encontrados os planos de ataque, que tinham data e horário marcados. Como uma das partes mais divulgadas pela imprensa pode-se citar, o plano de aprisionamento de figuras importantes do governo, incluindo Getúlio Vargas. “Segundo os planos apreendidos pela polícia, havia neles instruções especiais sobre como deveriam se conduzir os assaltantes no momento preciso da deflagração da mazorca com relação aos estabelecimentos e departamento de telégrafos”.<sup>139</sup>

Em São Paulo, também foram presos indivíduos nas proximidades dos quartéis da força pública, acusados de participação no movimento.<sup>140</sup>

O *Jornal do Brasil*, não informou nada de muito diferente do *Correio da Manhã*. Em sua maioria, os jornais da época fizeram pequenas menções ao acontecimento ou publicaram praticamente as mesmas informações.

Algo que chamou atenção das autoridades foi o amplo envolvimento de integralistas nas áreas militar, serviços públicos e meios de transporte, levando a crer na existência de uma vasta rede de espionagem chamada de Departamento de Organização Política do Sigma.<sup>141</sup>

A partir desses acontecimentos, as reuniões do Sigma aconteciam de maneira secreta. Integralistas seguiram sendo presos em todos os estados brasileiros. Ocorreram diversas apreensões de armas e material bélico, material de ensino e propaganda, símbolos do

---

<sup>138</sup> *O Jornal* (RJ) 19.03.1938, p.8, “O fracassado levante integralista através das declarações dos próprios conspiradores: Como se desenvolveu a acção repressiva da polícia”.

<sup>139</sup> *Idem*.

<sup>140</sup> *Idem*.

<sup>141</sup> HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 146. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

movimento, entre outros. Poucos eram os Estados que tiveram movimentação integralista durante o dia 10 de março, entre eles podemos citar Rio Grande do Norte e Amazonas.<sup>142</sup>

Quando o plano do levante veio à tona na imprensa, o chefe integralista alegou que não tinha envolvimento com o ocorrido.<sup>143</sup>

Plínio Salgado e alguns integralistas foram para São Paulo, onde se refugiaram em uma casa alugada. Otávio Mangabeira e Euclides Figueiredo,<sup>144</sup> coronel ativo em movimentos contrário ao governo, foram detidos em um hospital da polícia militar.<sup>145</sup> No hospital Militar, Figueiredo recebeu o plano de levante de Severo Fournier para que fosse corrigido.<sup>146</sup>

Figueiredo e Mangabeira estavam presos em um Hospital, mas não sabemos ao certo como esse plano foi entregue a Figueiredo. Se foi por ajuda dos guardas do local ou pelas visitas. No processo instaurado no dia 6 de setembro de 1938 para “apurar a tentativa de libertação do Coronel Euclides Figueiredo”, foi constatado visitas diárias de um indivíduo que no dia do levante tentaria soltar Figueiredo. O homem apontado nos autos é João Antônio Daré.<sup>147</sup>

Nos autos do inquérito número 560, instaurado para apurar quais os “responsáveis pelo aliciamento de elementos extremistas na então capital da República, para a intentona levada a efeito no Distrito Federal, na madrugada do dia 11 do mês de maio de 1938” há um manifesto do chefe integralista escrito em abril, um mês depois da primeira tentativa de levante. No documento, ele expressou desgosto sobre a situação que estavam passando, mas também escreveu que o momento era uma oportunidade para que os fortes fossem separados dos fracos. No mesmo documento, fez referência a religiosidade cristã e atacou o comunismo. Procurando defender-se, expressou:

---

<sup>142</sup> Idem, p. 151. *Sigma*: Letra grega que simboliza soma, também é um dos nomes ao qual o movimento usava para se referir a si próprio. Um exemplo desse uso está no jornal *A Razão*, 15.10.1936, p.1: “Reúne-se na capital da república o primeiro congresso Nacional feminino da AIB, o conclave parlamentar meridional das cortes do sigma”.

<sup>143</sup> *Correio Paulistano* (SP), 03.1938. p. 20, “O Sr. Plínio Salgado estaria sendo perseguido pelos seus adeptos?” *apud* HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 143. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

<sup>144</sup> ABREU, Alzira Alves de. *et al* (coords.). *Revolta Integralista*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010 Disponível [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/euclides\\_figueiredo](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/euclides_figueiredo), acesso em 02.05.2021.

<sup>145</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, v.4.p.8.

<sup>146</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. “O Integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004, p. 24.

<sup>147</sup> João Antônio Daré. *Integralista*, participou ativamente na Revolução constitucionalista de São Paulo. Conforme AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, v.4.p.8.

Que palavras, que conselhos vos darei neste instante? Acusam-vos dos crimes os mais hediondos, exatamente, como se fez em Roma, um dia, quando se apontavam os cristãos como envenenadores de fontes públicas, matadores de crenças e incendiários da Cidade! Hoje, vos atribuem os mais absurdos intuitos de uma revolução a punhais (como se fosse possível lutar com tais armas contra metralhadoras e canhões) e, o que é mais revoltante, vos atribuem os perversos desígnios de praticar assassinatos de dignitários e titulares da situação.<sup>148</sup>

Nesse mesmo manifesto, é possível perceber que Plínio pretendia dar a entender que não conhecia previamente dos planos ou das razões relacionadas ao movimento de revoltosos, e dele não teria qualquer participação ou responsabilidade.<sup>149</sup>

Neste mesmo manifesto, foi ressaltada a importância de obedecer cegamente ao chefe nacional, Salgado, seguir a doutrina e juramento já estabelecidos e por fim, expressa que:

Vossas bandeiras se desfilarão como as bandeiras da libertação racional; vossos passos retumbarão marcando o início de uma nova era continental; e os vossos descendentes saberão um dia que fostes os intemeratos construtores da Grande Pátria Cristã.<sup>150</sup>

Segundo o tenente Francisco de Assis Holanda Loyola,<sup>151</sup> tenente da reserva do exército, o levante visava um governo formado “pelos Generais Castro Junior<sup>152</sup>, Pantaleão Pessoa<sup>153</sup>, e Almirante Vasconcelos<sup>154</sup> (ou pelo comandante Cockrane). Dos integralistas,

---

<sup>148</sup> Manifesto do Chefe Nacional. AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.149, p. 23.

<sup>149</sup> Idem.

<sup>150</sup> Idem.

<sup>151</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 93.

<sup>152</sup> João Candido Pereira de Castro Junior. Servia o departamento pessoal do exército. ABREU, Alzira Alves de. *et al* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br>, acesso em 13.04.2022.

<sup>153</sup> Pantaleão da Silva Pessoa. Na época afastado da chefia do EME. ABREU, Alzira Alves de. *et al* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br>, acesso em 13.04.2022.

<sup>154</sup> Álvaro Rodrigues de Vasconcelos. Contra-Almirante. ABREU, Alzira Alves de. *et al* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br>, acesso em 13.04.2022.

Plínio Salgado foi cogitado apenas como chefe do gabinete da presidência, até que um plebiscito resolvesse o futuro do governo”.<sup>155</sup>

### 3. O Plano

O levante de maio de 1938 foi organizado por aqueles que não foram presos e exilados na primeira tentativa de subversão do governo. Belmiro Valverde que na época tinha o auxílio do Chefe Provincial do Estado do Guanabara no integralismo, Raymundo Barbosa Lima<sup>156</sup>, deixou a organização militar do plano nas mãos de Severo Fournier, além de também ser o responsável pelo comando do assalto ao Palácio Guanabara.<sup>157</sup>

Lembrando que antes de Fournier, os líderes do movimento eram o general Castro Junior e o Coronel Euclides Figueiredo. Fournier foi indicado por Valverde para reorganização do levante.<sup>158</sup>

Valverde foi o responsável por alugar duas casas que foram uma espécie de base para o plano rebelde, a primeira foi na Gávea, mas logo depois se mudaram para outra, na Avenida Niemayer.

O movimento contava com membros tanto de superiores do Exército e da Marinha, quanto da Polícia Militar, tais como o comandante da Vila Militar Bertoldo Klinger, o Coronel da polícia militar Ayrton Playsant, o Major Rodolpho Bittencourt, o Capitão de Mar e Guerra Fernando Cochrane e o Comandante Faria.<sup>159</sup>

---

<sup>155</sup> VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “Rebeliões integralistas de 1938: março e maio”. In: BARBOSA, Jeferson Rodrigues et al (org.). *Militares e política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p.448.

<sup>156</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. “Getúlio Vargas e o Integralismo: histórias de pescador”. *Revista Angelus Novus*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 63-82, maio 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/88854/91728>, acesso em 03.7.2022.

<sup>157</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. “O Integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004, p. 24.

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> Idem.

Basicamente, segundo o diário de Fournier o plano estava apoiado em no partido constitucionalista e no integralismo, além das forças armadas pelo país.<sup>160</sup>

O plano previa o assalto a casas de figuras importantes ligadas ao governo Vargas, no intuito de prender os alvos, assaltos a prédios públicos tais como delegacias, Telégrafos e rádios. O intuito de assaltar os telégrafos tinha como objetivo cortar a comunicação dos assaltado. Já o assalto os rádios, era para divulgar a falsa notícia de vitória do levante antes de ser totalmente concretizado.

- 1 – Prisão das autoridades e tomada e posse dos órgãos de direção do país. Estabelecimento- montagem da máquina governamental.
- 2- Prisão das autoridades governamentais (civis e militares).
- 3- Tomada e ocupação imediata dos órgãos de direção do país.
- 4- Desarticulação e neutralização dos meios de defesa do governo.
- 5- Desarticulação dos meios de ligação e comunicação do governo.
- 6- Operações Complementares<sup>161</sup>

O plano também previa incêndio a prédios públicos e o assalto ao arsenal da marinha e ao palácio Guanabara, esse último era onde se encontrava Getúlio Vargas.

No Rio de Janeiro participaram conspiradores civis e militares que faziam oposição a Vargas, os militares integralistas que com a instauração do Estado Novo ficaram em oposição ao governo, e os civis que, em sua maioria, eram integralistas.<sup>162</sup>

O plano era bem extenso e detalhado, foi formulado por Severo Fournier e recebeu ajuda de Figueredo, e por fim, foi submetido ao general Castro Junior. Segundo Vianna, o plano era muito parecido com os planos elaborados para o que ficou conhecido como revolução de 1932.<sup>163</sup>

Cada parte do plano era vinculada a outra e se por acaso, algo desse errado, isso afetaria todo o planejado, como podemos depreender da citação abaixo:

---

<sup>160</sup> <sup>160</sup> NASSER, David. *A revolução dos covardes*: diário secreto de Severo Fournier, reportagens políticas e ordens da censura do ditador. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1947. P 55.

<sup>161</sup> NASSER, David. *A revolução dos covardes*: diário secreto de Severo Fournier, reportagens políticas e ordens da censura do ditador. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1947. p56

<sup>162</sup> Idem, p.454.

<sup>163</sup> VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “Rebeliões integralistas de 1938: março e maio”. In: BARBOSA, Jeferson Rodrigues et al (org.). *Militares e política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 450.

9) - este plano entrará ou execução na hora H, previamente estabelecida a confirmada pelo apagar das luzes. Deve haver perfeita simultaneidade entre o seu desenrolar e a execução dos outros pontos do plano geral.

10) Os resultados da execução de cada missão nos diferentes sectores da cidade, dever-me-ão ser comunicados imediatamente pelos seus chefes no P.O. da Praça Onze.

11) - O regimento de Cavalaria da P.M. aguarda ordens no seu quartel, pronto para montar, assim como todas as unidades dessa corporação que se colocarem ao nosso lado. Oportunamente, ser-lhes-á dado um comando geral.<sup>164</sup>

Severo Fournier organizou um plano militar onde os únicos Estados que teriam participação somente integralista, sem os militares, seriam o da Bahia e o do Espírito Santo. Tanto é que Severo Fournier começou a informar vários militares.<sup>165</sup>

Muitos foram os militares do Exército e da Marinha que participaram do levante de maio de 1938. Em razão desse fato, há um debate historiográfico no qual alguns estudos compreendem que os militares teriam tido o maior envolvimento na criação e efetivamente na ação do movimento do que os civis ligados ao integralismo. Essa interpretação compreende que os objetivos dos insurgentes não seriam exatamente a restauração da Constituição de 1934, mas sim, uma tentativa de tomada do governo, tanto por parte dos militares quanto dos integralistas.<sup>166</sup>

Nos autos do processo número 607, “para apurar os responsáveis militares nos acontecimentos da madrugada de 11 de maio último”, consta uma carta de Euclides Figueiredo para Fournier sobre o plano, registrando que teria ocorrido um maior envolvimento militar, mencionando a incorporação no movimento de um esquadrão e do Q.G do exército. De acordo com Figueiredo, os insurgentes esperavam ter apoio de Luís Soares dos Santos<sup>167</sup> e de João Cândido Pereira de Castro Junior.

---

<sup>164</sup>AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, v.2. p.15.

<sup>165</sup> VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “Rebeliões integralistas de 1938: março e maio”. In: BARBOSA, Jeferson Rodrigues et al (org.). *Militares e política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p.448. p. 452.

<sup>166</sup> MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04.2021.

<sup>167</sup> Luís Soares dos Santos. Militar formado pela escola militar do Rio de Janeiro. Senador do Rio Grande do Sul até 1929. Disponível: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2029>. Acesso em 15.07.2021

Como você verá pelas notas a margem, estudei o plano que acho bom. urge, entretanto, assegurar mais algumas ligações. A Vila Militar Parece-me fraca: é preciso designar-lhe um comandante geral. Será o Soares dos Santos? o-Alfredo ou outro?

Do 1º R.C.D procurar conquistar pelo menos um esquadrão, assim como uma bateria do 1º G.O.

A Casa de Correção é preciso dar, desde o começo, um diretor, pois lá devemos fazer recolher prontamente os presos.

A ocupação do Q.G. do Exército, parece-me indispensável. O Soares dos Santos, seu novo comandante, deve se achar lá dentro na hora H para facilitar a ocupação sem luta

Finalmente, penso que o plano geral, como da minha atuação, deve ser submetido ao Castro Júnior. É preciso escolher previamente a senha, e todos os que me forem subordinados terão que se entender comigo, direta ou indiretamente. o Ferreira poderia prestar esse serviço.<sup>168</sup>

A se confiar nos testemunhos dos acusados arrolados e nas informações constantes nos autos dos processos, os militares não estariam envolvidos tão somente no levante acontecido no Rio de Janeiro, como também implicados na organização das ações em outros Estados. Militares se utilizaram de força integralista espalhada pelos vários Estados para que o levante acontecesse em várias regiões do país concomitantemente.

Pará- O sr. Sabe dos compromissos assumidos pelo Taborda e de que natureza foram.

Pernambuco- O gen. Barcelos recebeu instruções do gen. Guedes, a quem está ligado e também do Sampaio Corrêa, a quem ele é ligado por fatos íntimos. “topou” francamente a parada.

Baía- Não tenho conhecimento sobre a n/situação militar neste estado. Tenho informações que o interventor não dificultará qualquer trabalho nosso. Só tem nomeado para cargos de confiança elementos sabidamente integralistas. Contamos com o levante dos integralistas das zonas de Lençóis, Lavras e Diamantina, sob a chefia do sr. Arquimedes de Matos, num total de 3 a 6.000 homens.

Espírito Santo- Contamos com elementos integralistas que tomarão conta dos estados.

Estado do Rio- contamos com 14 R.I. que melhorou muito a n/situação quanto a elementos. A sua adesão é completa. A fora os elementos integralistas, que são numerosos, e já estão organizados para tomar posição.

Distrito Federal- (Vide n/situação)

São Paulo- Penso ser ótima a situação, pois os nossos amigos já quiseram, por duas vezes, precipitar os acontecimentos. E minha opinião que no meio militar eles estão fracos.

---

<sup>168</sup>AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, ap.1, p.13.

A situação político-econômica nos favorece muito. Seria a repetição de 32 (melhorado pela experiência) se o Ademar tivesse um pouco de tino.

Minas Gerais- O Gen. Castro Junior tem desenvolvido um trabalho consciencioso nesta região. Não sei dos resultados sei que o Simas está ligado conosco, Itajubá.

Mato Grosso- Si não me engano, parece que o sr. Me afirmou ter o gen. Mascurenas e assumido compromisso com o gen. Castro Junior.

Paraná- Sta. Catarina- A n/situação, conforme afirmou o ept. Diniz, ligação com o gen. J. Guedes conosco, é ótima. Terei o relatório desta região, tão logo chegue o n/ emissário.

Rio Gr. Do Sul- Acha-se em ligação direta conosco o dr. Bosano, representante do gen. Flores. Pelas informações do mesmo sabemos que a situação do R. GR. É magnífica.<sup>169</sup>

Em processo instaurado no dia 6 de setembro de 1938, “para apurar as responsabilidades dos militares envolvidos no levante”, foi apresentada uma série de cartas trocadas entre Belmiro e Fournier, reproduzindo algumas notas trocadas entre os dois relacionadas ao plano. A documentação envolve e compromete vários nomes de oficiais, tais como, o do general João Cândido Castro Júnior, membro da câmara dos 40, que teria sido o responsável por definir data e hora de agir na chefia de operações.<sup>170</sup>

De acordo com o depoimento do general Castro Júnior, as diversas regiões militares nas quais golpistas estavam envolvidos, estavam atrasadas em seus trabalhos. Fournier justificou o atraso argumentando que esse teria decorrido da necessária espera para que os militares se organizassem.<sup>171</sup>

Sobre o plano do levante, o *Correio da Manhã* dividiu em trechos algumas partes que iriam ser realizadas, um exemplo disso é a nota publicada no jornal com o título alarmista mencionando “pavor com milhares de bombas”.

Já por mais de uma vez temos focalizado partes do plano verdadeiramente diabólico, com que os integralistas pretendiam implantar o terror na cidade. Referíamos-nos aos incêndios que seriam lançados a vários pontos, os assassinios de altas personalidades, os tiroteios nas ruas, e ainda ontem, falamos do plano de assalto ao Posto central de assistência, para que não só a população como as próprias forças em combate pelo governo, ficassem sem socorros médicos, pois esses só seriam prestados aos elementos integralistas.<sup>172</sup>

---

<sup>169</sup> Idem. p. 17 - 20.

<sup>170</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 387.

<sup>171</sup> Idem p. 135 - 138.

<sup>172</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 25.05.1938, p. 14, “Implantando pavor com milhares de bombas”.

O *Correio da Manhã* cita o plano de assalto ao quartel general do exército, mas para fazer referência a prisão daqueles que pretendiam dar prosseguimento ao ato.<sup>173</sup> É publicado o registro de uma tentativa de fazer explodir a residência de Almério Moura com dinamite, é também descrito que soldados pertencentes a guarnição do Forte de Copacabana, encontraram o mesmo material explosivo, dinamite, nas imediações da residência do general de divisão e comandante da 1º região militar no Rio de Janeiro Almério Moura.<sup>174</sup>

Na mesma edição, com o título de “paisanos envergando farda” e fazendo referência ao atribuído plano de vestir civis de militares, a publicação descreve que a maioria das fardas era da marinha.<sup>175</sup> Sobre os incêndios, é citado em outra nota a tentativa de atear fogo em dois prédios na rua Sete de Setembro, e ao mencionar o prédio, o título da matéria foi “Tentando incendiar vários prédios.”

Sobre a polícia central o *Correio da Manhã* noticiou que, policiais ficaram apostos para evitar qualquer tentativa de ataque:

As autoridades resolveram multiplicar a guarda, distribuindo um vasto policiamento pelos arredores do palácio da rua da Relação. Nas esquinas daquela rua, foram postadas tropas embaladas, metralhadoras, enquanto, no alto do edifício eram postas armas automáticas prontas para agir no primeiro momento.

Toda a vizinhança da Polícia Central ficou minada de soldados da Polícia Militar e de investigadores, ocupando-se os pontos considerados estratégicos para repelir qualquer ataque.<sup>176</sup>

Já o *Diário de notícias* publicou que acaso o levante conseguisse obter sucesso, um grupo chamado legião da morte do integralismo estaria responsável pelas execuções em

---

<sup>173</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 26.05.1938, p. 14, “Tomaram parte no assalto ao quartel general”.

<sup>174</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 6, “ia ser dinamitada a residência do comandante da região”. ABREU, Alzira Alves de, et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-luis-da-silva-campos>. Acesso em 21.06.2022.

<sup>175</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 7, “Paisanos envergando farda”.

<sup>176</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 7, “Prevenindo um ataque a polícia central”. A rua da Relação em que funcionava a polícia central, também era a sede do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), um dos elementos mais importantes da violenta repressão Vargasista. Ver: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/departamento-autonomo-de-ordem-politica-e-social-do-estado-do-rio-de-janeiro>. Acesso: 03.07.2002

massa, como também imbuído da atribuição de aterrorizar aqueles que não seguissem a nova ordem imposta.<sup>177</sup>

Citando como fonte relatos da vigilância de policiais infiltrados entre os integralistas, é publicado que o plano propunha atos terroristas como incêndios e massacres, contra pessoas e bens de todos aqueles que não fossem simpatizantes do integralismo:

A polícia sabia que a conspiração tinha, por meios, a prática de atos terroristas, incêndios, massacres e toda uma série de massacres a que seriam sujeitos os não simpatizantes do credo verde. Tais atos visavam a disseminação do terror por toda a parte, aproveitando – se os rebeldes da confusão em favor do credo que nos queriam impingir.

Por volta do dia 24 de maio, esse jornal começa a publicar o que era planejado, também em pequenas notas, citando as tentativas de assalto.

Visava a prisão do ditador, do Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, ocupação da polícia civil, posse dos respectivos órgãos de direção, descontrolo das comunicações entre os demais, com a interrupção dos telefones particulares e oficiais e posse de todos os meios de ligações radiotelefônicas e radiotelegráficas.<sup>178</sup>

Naquele momento, homens como Arnoldo Hasselmann Fairbairn,<sup>179</sup> tenente e integralista, e outros envolvidos no movimento, não queriam mais esperar pela ordem central que determinaria o início do levante. Seria necessário conseguir armamento, mas essa necessidade, no entender dele, seria suprida pela participação expressiva de militares na ação.<sup>180</sup>

É importante entendermos como a imprensa noticiou o levante em primeiro momento. O *Correio da Manhã* chamou o levante de “movimento revolucionário”, se referindo a

---

<sup>177</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 19.05.1938, p. 3, “Preso um dos membros da ‘legião da morte’ do Integralismo: Lauro Antunes era chefe do núcleo da Ilha do Governador”.

<sup>178</sup> NASSER, David. *A Revolução dos Covardes: Diário secreto de Severo Fournier, reportagens políticas e ordens da censura do Ditador*. Rio de Janeiro: “O Cruzeiro”, 1947, p. 54.

<sup>179</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 395.

<sup>180</sup> *Idem*, p.161.

aqueles que participaram como rebeldes. Palavras como “*Putsch*” e “assalto” foram usadas para se referir as diversas partes do movimento.<sup>181</sup>

Dentre os assaltos que tiveram o maior destaque, podemos citar o assalto ao Palácio Guanabara e a Marinha.

O *Diário de Notícias* noticiou a situação como uma tentativa de “subversão” contra o governo, culpando os integralistas pela organização e direção do levante. “Após a surpresa e a confusão dos primeiros instantes, soube-se que se tratava de uma tentativa de subversão, organizada e dirigida por elementos integralistas”<sup>182</sup>

Plínio Salgado foi descrito como o principal chefe do levante e às suas ordens estaria, de acordo com o jornal, Barbosa Lima.<sup>183</sup>

O *Jornal* noticiou o movimento como um “surto rebelde” e citou o nome de alguns integralistas como os principais culpados pelo levante.<sup>184</sup>

---

<sup>181</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 1. “Madrugada de hontem irrompeu um movimento revolucionário dominado pelo governo dentro de poucas horas”

<sup>182</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 12.05.1938, p.1, “Frustrada mais uma tentativa de subversão do novo regimen”.

<sup>183</sup> *Idem*.

<sup>184</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05.1938, p. 1, ”O governo julgou por completo, o surto rebelde”.

## CAPÍTULO II

### 1. Assaltos

#### 1.1 Sobre o termo

Trabalhando com a ideia e o sentido que a designação “assalto” expressa, é importante observar que no senso comum o significado de assalto remete a roubo ou a furto e se afasta do que exatamente o episódio se constituiu. O termo assalto nunca figurou como qualificativo na legislação ou no sistema penal brasileiro e o sentido aqui aplicado se insere na terminologia e linguagem militar.<sup>185</sup>

Assalto vem do latim, *adsaltus*. No dicionário, a palavra assalto significa ataque e roubo, já para o exército, tem um sentido relacionado a um ataque mais organizado e cuidadoso com um objetivo claro.<sup>186</sup>

Jornais já citados nessa dissertação usaram de maneira ampla o termo assalto, ao qual será utilizado aqui também para indicar tentativas de invasão à residência de indivíduos que estiveram envolvidos no governo Vargas.

É importante registrar que as investigações subsequentes ocorridas foram objeto de reportagens. Mas a partir da leitura sistemática da cobertura da imprensa é possível notar que existiu uma preocupação dos editorialistas em associar de maneira mais incisiva a parte do integralismo no levante, de modo a intencionalmente contribuir para uma imagem negativa dos camisas verdes.

---

<sup>185</sup> “Assalto”. Folha de São Paulo (SP), 22.05.2007. Disponível: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/assalto>. Acesso: 23.04.2021.

<sup>186</sup> “Assalto”, conforme o *Dicionário On-Line de Português*. In Dicio, Porto: 7Graus, 2020. Disponível em <https://www.dicio.com.br/assalto/>, acesso em 23.04.2020 e “Assalto”, conforme *Dicionário de Língua Portuguesa*. Melhoramentos, 2021. Disponível: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/assalto>, acesso em 23.04.2020.

No jornal *A Noite*, que naquele momento encontrava-se encampado ao Estado e funcionava quase que como uma espécie de jornal oficial, é possível constatar que a expressão assalto é bastante usada em situações de invasão ou ataque, até mesmo antes do levante integralista, o mesmo pode ser notado em outros jornais como o *Correio da Manhã*.

Como o ataque ao Palácio Guanabara foi o ato principal do levante, podemos observar no *Correio da Manhã* o título “Assalto ao Palácio Guanabara”, sendo o termo assalto usado com o significado também de ataque.<sup>187</sup>

*O Jornal* descreve o ocorrido como um “surto” e um “ataque”, porém a palavra invasão aparece de maneira usual na matéria também significando um ataque.<sup>188</sup>

Os jornais em sua grande maioria não fizeram diferenciação do termo. Sendo assim, podemos chegar ao entendimento que o termo assalto não foi uma referência à participação militar do levante, mas um termo comumente usado na época sem denotar qualquer intenção ou sentido político em especial.

Por outro lado, ao analisarmos os processos criminais, a expressão “assalto” é utilizada poucas vezes, sempre em depoimentos e, mesmo assim, de maneira muito vaga. Também aparece no *Diário da Justiça*, conforme registra o recorte que encontra no inquérito número 674 instaurado 21 de novembro de 1938.<sup>189</sup>

Os processos criminais que fizeram uso da palavra “assalto” ao longo da apuração dos respectivos inquéritos, são os processos de número 598 instaurado no dia 12 de julho de 1938 para apurar o “assalto” a estação central de rádio da Marinha<sup>190</sup> e o número 600 instaurado no dia 9 de agosto de 1938, para “apurar a responsabilidade daqueles que participaram nos “assaltos” às residências de autoridades civis e militares, estações telegráficas e telefônicas, assim como as estações de rádio”.<sup>191</sup>

## 1.2 Assaltos e Sequestro

---

<sup>187</sup> *Correio da Manhã* (RJ), 12. 05.1938. p.1. “Assalto ao Palácio Guanabara”.

<sup>188</sup> *O Jornal* (RJ), 12.05.1938, p. 1, “O governo julgou por completo o surto rebelde”.

<sup>189</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL, 263.

<sup>190</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL. APL.207, ap. 2.

<sup>191</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3.

De acordo com Fournier, a imprensa deturpou todo o sentido do movimento. Ele considerava que basicamente o plano em si estava bem elaborado, fora preparado, explicado e ensaiado por meses. Mas no dia da execução, muitos integralistas, não souberam efetivá-lo, acabando os insurgentes por ir de um lado para outro, marchando ou usando acessórios simbólicos, de modo que o plano original que se compunha de várias ações limitou-se na prática somente ao assalto ao Palácio Guanabara, Ministério da Marinha e ao sequestro do Coronel Canrobert.<sup>192</sup>

Segundo o Ministério de Defesa do Exército Brasileiro, a polícia já estava investigando uma provável conspiração contra o governo. É possível que Filinto Strubling Muller, Chefe de Polícia da então Capital, tivesse avisado o presidente sobre um provável levante, mas desse fato não existem evidências.<sup>193</sup>

No planejamento do levante, em relação aos objetivos de ataque ao Palácio Guanabara, sequestro dos Ministros da Guerra e da Marinha, invasão da CMI, além do controle dos meios de comunicação e órgãos do governo.

Em processo instaurado no dia 20 de junho de 1938 envolvendo os “responsáveis pelos aliciamentos para o levante de maio”, ficou apurado que muitos integralistas foram convocados alguns dias antes, no mais das vezes por telefone, para estarem presentes no dia do acontecimento. Outros membros que não puderam comparecer para ajudar no ataque, foram avisados para que ouvissem a convocação de ação pelo rádio. Outros relataram que não sabiam exatamente o que iria acontecer. Entre os nomes que teriam sido responsáveis por arregimentar participantes citados nos autos estão os de Waldemiro Petrônio<sup>194</sup>, Conrado Van Erven<sup>195</sup>, membro da câmara dos 400, Cezario Gomes e Souza<sup>196</sup>, bancário e integralista do núcleo de Santa Rosa, Manoel Francisco Cordeiro<sup>197</sup>, prático de farmácia, monitor, e Jordano Abreu Pereira, integralista, ambos do núcleo de Fonseca.<sup>198</sup>

---

<sup>192</sup> NASSER, David. *A Revolução dos Covardes: Diário secreto de Severo Fournier, reportagens políticas e ordens da censura do Ditador*. Rio de Janeiro: “O Cruzeiro”. 1947, p.100.

<sup>193</sup> *O Levante Integralista de 1938*. Exército Brasileiro. Disponível: <http://www.eb.mil.br/>. Acesso: 06.05.2021.

<sup>194</sup> Waldemiro Petronio. Integralista. Homem morto no Distrito Federal (Rio de Janeiro) segundo o AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.149, p. 13 e, mesmo assim, indiciado e dado como foragido pelo processo AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v.9.

<sup>195</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p 395.

<sup>196</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.149, p. 11- 12.

<sup>197</sup> Idem, p.18.

<sup>198</sup> Idem, p. 13-14. AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.149. p. 29.

### 1.2.1 Euclides Figueredo

A respeito da tentativa de soltura, pela via da força, de Euclides Figueiredo, testemunhou Cirilo José dos Santos, soldado da cavalaria da polícia militar. O depoente relatou que esteve no mesmo hospital militar que Euclides Figueiredo, que segundo ele, tinha visitas recorrentes de um indivíduo que em certo dia chegou com um ofício demandando a libertação imediata de Euclides Figueiredo.

O indivíduo que se dizia investigador, virando-se para o Coronel Euclides e outro preso, de nome Otávio Mangabeira, convidou-os a acompanhá-lo, dirigido ao cabo da guarda saindo todos da enfermaria; que instantes depois chegou a enfermaria o capitão Quaresma, médico do dia, dizendo que o ofício era falso, saindo a correr, em perseguição aos presos e investigador, sabendo o declarante que o investigador conseguiu evadir-se, sendo os presos detidos novamente.<sup>199</sup>

Não foi encontrado notícias sobre a tentativa de soltura de Euclides Figueiredo no *Correio da Manhã*, *O jornal* e nem no *Diário de Notícias*, não encontramos entre os jornais que pesquisamos qualquer referência a tentativa descrita.

### 1.2.2 Coronel Canrobert

De acordo com a documentação processual relativa à apuração criminal do sequestro do Coronel Canrobert, os envolvidos teriam sido arregimentados por Antônio Fernandez<sup>200</sup> secretário de um dos núcleos integralistas. Tendo ele acesso a lista de nomes de membros, entrou em contato com eles e, dessa forma, os teria recrutado para a ação.

Segundo os depoimentos de outros acusados, alguns dos envolvidos por intermédio de Fernandez depuseram que foram convidados para ir a casa dele ou para se dirigirem a residência de Torres Sobrinho. A partir desses encontros, Fernandez teria distribuído armas

---

<sup>199</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, v.4, p. 8-9.

<sup>200</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 396.

para a proteção pessoal e ataque, se necessário, e a partir de lá todos saíram em pequenos grupos. Foram arrolados os seguintes nomes nos autos do processo:

José Men, digo, nomes Paulo Brasil do Valle Portugal, aliás, o declarante e este, sozinhos, para a casa de Antonio Fernandes, onde Já encontrou José Fernandes, digo, José Menezes, Iracy Deves de Carvalho, Antonio Bonsolhos, pessoa que só o conheceu ali, Joaquim Vieira Braga que ali chegou, algum tempo depois; Crispiniano da Souza, Walfrido Rodrigues, Joaquim Vieira Braga, Wilson Paiva e um outro desconhecido, os quais, anteriormente, estavam em casa de Marmo (...).<sup>201</sup>

Segundo as investigações policiais, apuraram os homens que sequestraram Canrobert, foram Antonio Fernandes, Walfrido Rodrigues<sup>202</sup>, servidor público do instituto de identificação e estatística da polícia civil do Distrito Federal e miliciano do integralismo, e Crispiniano de Sousa<sup>203</sup>. Segundo o depoimento de Antonio Bonsolhos<sup>204</sup>, civil, também se envolvera no episódio um homem chamado José Bonifácio.<sup>205</sup>

O jornal *Correio da Manhã* publicou que seis homens teriam ido até a casa de Conrobert por volta das duas da manhã. Descreveu como o chefe de gabinete teria sido sequestrado e, por fim, conseguido se livrar dos homens e se dirigido até o Gabinete da Justiça:

Verificando a inutilidade de qualquer tentativa de resistência. O oficial se dispôs a entregar-se (...), o militar obedeceu tomando um automóvel de praça em companhia dos amotinados. (...) Em dado momento, porém, os sediosos verificaram que um outro carro os perseguia. E não tardou que a do tal auto partissem vários tiros contra eles.  
(...) o coronel Conrobert atracou-se com os seus sequestradores, esforçando-se para se livrar daquela corrida para o desconhecido.

---

<sup>201</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3, p. 23.

<sup>202</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3, p. 42.

<sup>203</sup> Garçom, integralista. Um dos responsáveis por chamar as pessoas para levante, para a rua Rosário 75. Conforme AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3, p. 42.

<sup>204</sup> Antônio Bonsolhos. Médico. “Não é fichado como integralista, mas simpatiza com o movimento”. Conforme AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3, p.14.

<sup>205</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3, p.16.

Verificando que o auto da polícia se aproximava cada vez mais, os amotinados mandaram parar o deles e fugiram.<sup>206</sup>

Verificando outros jornais como o *A Noite*, o sequestro não foi por volta das 20 horas, com o número de envolvidos na execução da ação ainda majorado, teriam sido oito os homens armados, estariam mascarados e teriam conseguido invadir a casa e capturar o coronel com a ameaça de que se reagisse seria morto.<sup>207</sup>

Conforme descrito no testemunho, o Chefe de Gabinete se entregou aos sequestradores e ali na ação estariam em torno de 16 pessoas do lado de fora da casa trazidos por três automóveis ali estacionados. No carro em que teria ocorrido a luta e a aproximação da polícia, a situação levou os assaltantes a entrarem em pânico e saltarem do veículo, tendo o grupo se evadido mata adentro existente nas imediações.<sup>208</sup>

Já a versão publicada no jornal *Diário de Notícias* reproduziu a versão de que Conrobert fora agarrado à força e colocado no automóvel. Também mencionou a versão de que teria ocorrido resistência do Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra dentro do automóvel, e que o militar teria sido libertado na estrada.<sup>209</sup>

Sobre a versão do jornal *Diário de Notícias*, reiteramos que a leitura nos dias de hoje dos jornais da época, deve sempre levar em conta uma tentativa de heroicizar um dos indivíduos do acontecido. Como ficaria evidenciado depois, por exemplo, no caso do ataque ao Palácio Guanabara, quando ocorreu esforço de transformar Alzira Vargas do Amaral Peixoto<sup>210</sup>, filha de Vargas, em uma espécie de heroína, conforme ela mesma registrou em suas memórias. É possível que na versão surgida conforme publicada no noticiário, tenha acontecido o mesmo esforço de heroicizar, por meio da atribuída resistência, a conduta de Conrobert no momento da captura e da soltura dele.<sup>211</sup>

Esse foi um dos casos que mais ganharam destaque nos jornais logo após o levante, em detrimento a outros, que por não terem o mesmo impacto no público, acabaram passando despercebidos ou obtiveram só uma pequena nota em algumas publicações posteriores.

---

<sup>206</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12. 05.1938, p. 14. “Como foi preso pelos sediciosos o Chefe de Gabinete do Ministro da Justiça.

<sup>207</sup> *O Jornal* (RJ), 13.05.1938, p. 5. “Preso o General Pantaleão Pessoa”.

<sup>208</sup> Idem.

<sup>209</sup> *Diário de Notícias* (RJ), 12.05.1938, p. 1. “Frustrada mais uma tentativa de subversão do Novo Regimen”.

<sup>210</sup> PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu pai*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1960.

<sup>211</sup> PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu pai*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1960.

Segundo o *Correio da Manhã*, logo após conseguir se livrar dos assaltantes, Conrobert foi até o Ministério da Guerra para falar com o general Gaspar Dutra.<sup>212</sup>

A versão que acreditamos mais próxima aos fatos, guardados os devidos cuidados, é aquela que consta nos documentos arrolados no inquérito e no processo judicial, nos quais estão registrados todos os depoimentos recolhidos em juízo assim como os depoimentos dos acusados e da vítima do sequestro, Canrobert.

### 1.2.3 Góes Monteiro

A residência de Góes Monteiro, localizada no Edifício Mariante, 2º pavimento, apartamento 12, na rua Júlio de Castilhos nº 83, no bairro de Copacabana, foi invadida na madrugada de 11 de maio de 1938.

Segundo as informações que constam no depoimento do integralista do núcleo de Botafogo Sólon Vivaqua<sup>213</sup>, o depoente alegou que foi avisado por Hermes, que se instauraria um levante. Os dois combinaram de se encontrar no bairro do Flamengo, na Avenida Rui Barbosa em frente à escola Ana Nery às 22 horas do dia 11 de maio. Hermes chegou com mais cinco integralistas, todos em um Ford e dali se dirigiram para a Avenida Atlântica, em Copacabana, para depois tomarem a direção da residência de Góis Monteiro, que ficava localizada no Edifício Mariante, 2º pavimento, apartamento 12, na rua Júlio de Castilhos nº 83, no mesmo bairro.<sup>214</sup>

Segundo o depoimento de Vivacqua, ao chegarem em frente à residência do general, Hermes partiu o vidro da porta principal do edifício e abriu o trinco.<sup>215</sup>

Os depoimentos apontaram que Hermes Binz de Albuquerque, também conhecido como Natan, líder desta parte do plano, foi conduzido por Sólon Vivacqua em automóvel.<sup>216</sup>

---

<sup>212</sup> *Correio da Manhã* (RJ), 12. 05.1938, p. 14. “Foi preso pelos sediciosos o Chefe de Gabinete do Ministro da Justiça”.

<sup>213</sup> Sólon Vivaqua. Estudante, Mercador e Exportador de café, conforme AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v.7, p.159.

<sup>214</sup> Idem.

<sup>215</sup> Idem, p. 133.

<sup>216</sup> Idem, p.159-160.

De acordo com o depoimento de Góis Monteiro, ele acordou com homens tocando a sua campainha e batendo na sua porta, ao olhar pela janela observou estacionados na rua três carros e cerca de 15 homens, todos fortemente armados. Pelo telefone oficial, se comunicou com Filinto Muller, com o Palácio Guanabara, com o Batalhão de Guardas, com o Forte de Copacabana e com o Ministério. O ataque teria se dado da seguinte forma:

que ao entrarem no edifício, os atacantes prenderam o porteiro, e quebraram os vidros da entrada, do pavimento inferior; que essa situação de expectativa durou seguramente uns quinze minutos (...) que os assaltantes, para estabelecer terror, estabeleceram forte tiroteio na rua; que o declarante [Góis Monteiro] tem convicção de que todo o edifício estava cercado; o grupo de atacantes deveria ser superior a trinta homens, pois, deles, dez subiram ao apartamento, uns quinze, ficaram em uma das ruas, e os outros, montavam guarda ao prédio (...).<sup>217</sup>

O depoimento não deixa claro de que maneira o general teria conseguido fugir e, depois, a partir do depoimento de Joaquim Alves dos Santos, o porteiro no dia, depreendemos que o general não fugiu exatamente enquanto aqueles que pretendiam prendê-lo ainda estavam em seu prédio, mas deixou o local em momento posterior, imediatamente após a saída daqueles que o ameaçavam.

Como Góis Monteiro estava sem saída, sua única alternativa era esperar o reforço. Ouvindo o tiroteio, chegou ao local Adalberto Aranha.<sup>218</sup> Na tentativa de utilizar o veículo de Aranha para escapar, outro automóvel com alguém não identificado nos autos mas que se apresentou como da polícia, chegou ao local e o ofereceu auxílio.

O policial que guiava o carro tentou então seguir pela avenida Beira Mar, mas o general o mandou que fosse via Lapa. Ao chegar ao Ministério da Justiça, ficou sabendo que o policial que o levou também era integralista. A provável razão para não ter feito nada, segundo Góis, teria sido porque o carro em que estava naquele momento tinha quatro pessoas armadas. No mesmo depoimento não foi explicado se o indivíduo foi preso nesse momento ou se conseguiu escapar.<sup>219</sup>

Joaquim Alves dos Santos, porteiro do prédio em que residia o general, contou que foi acordado por um barulho forte na entrada. Relatou que foi preso pelos invasores em um dos

---

<sup>217</sup>Idem, p.197.

<sup>218</sup> Adalberto Aranha era um dos irmãos de Oswaldo Aranha.

<sup>219</sup>. AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v 7, p.196-198.

automóveis e depois lhe foi mandado que levasse aqueles homens armados até o 5º andar, onde ficava o apartamento de Góis Monteiro. Apesar das tentativas, a porta da casa do general resistiu e os invasores não conseguiram entrar no imóvel.

Acreditando que não havia ninguém na residência, os indivíduos foram embora e o porteiro que havia sido feito prisioneiro, foi solto na porta do edifício.<sup>220</sup>

As dificuldades em penetrar na residência do general, que se manteve escondido ao perceber a movimentação na rua, possivelmente colaborou para com a desistência do grupo em levá-lo prisioneiro. Mas é perceptível a contradição dos relatos, uma vez que no depoimento de Góis ele faz referência a sua fuga de casa e no de Joaquim Alves ele descreve a desistência dos invasores decorrente das dificuldades que encontraram em derrubar a porta da casa do general, que aparentemente era constituída de material muito resistente ou então, outro fator contribuiu para desmotivar ou assustar o grupo que não deu continuidade ao sequestro.

Segundo o laudo pericial de dano, registrado junto a mesma documentação judicial, ocorreram vários disparos contra as portas do prédio para alarmar os moradores, mas a perícia teria sido prejudicada uma vez que quando realizou os seus trabalhos, muitos dos danos já haviam sido reparados.

Nos relatos aparecem referências a armamento, depredação e tiroteio. Não é improvável que os ruídos tenham feito crer aos atacantes que naquele momento, já estariam ocorrendo enfrentamentos na rua e por essa razão eles preferiram retirar-se, temendo a possibilidade da chegada de algum contingente armado vindo em proteção e apoio ao general. Se esses fatos realmente se deram assim, essa versão não aparece nos registros.

Sobre o assalto à casa de Góis Monteiro, o jornal *Diário de Notícias* publicou como um ataque à residência do general. O qual, ele e aqueles que ali residiam, teriam registrado, de maneira falsa, que o hall do prédio teria sido deixado “cheio de sangue”, versão essa que não é reproduzida no inquérito e posterior processo. No inquérito é comentando um pouco de sangue, mas não da maneira que o *Diário de Notícias* demonstra.<sup>221</sup>

O *Jornal do Brasil* noticiou que três carros chegaram à residência de Góis Monteiro, onde efetuaram vários disparos. O general teria entrado em contato por telefone com o

---

<sup>220</sup> Idem.

<sup>221</sup> *Diário de Notícias* (RJ), 12.05.1938, p. 2. “Frustrada mais uma tentativa de subversão do Novo Regimen”.

comandante do Forte de Copacabana para que mandasse ajuda, mas a patrulha mandada não teria chegado a tempo de envolver-se na situação.<sup>222</sup>

O *Correio da Manhã* descreveu que três carros pararam em frente ao edifício no qual residia Góis Monteiro forçaram a entrada e subiram até o 5º andar, onde bateram no apartamento e dispararam tiros. Góis Monteiro se comunicou com o Forte de Copacabana, o que levou a fuga dos assaltantes deixando manchas de sangue no local. Considerando a insistência em descrever as manchas de sangue que não foram registradas no inquérito, supomos a eventualidade de que um dos atacantes tenha se ferido acidentalmente ao romper os vidros da portaria do prédio quando iniciou-se a ação, embora outra causa não possa ser descartada, como um tiro acidental ou produto de tiros disparados que possam ter produzido estilhaços.<sup>223</sup>

O *Jornal* não registrou nada de muito diferente, além dos disparos dos atacantes em frente ao prédio e ao fugirem.<sup>224</sup>

#### 1.2.4 Cordeiro de Farias

A respeito da trama do assalto à residência do então chefe de gabinete do EME, Coronel Gustavo Cordeiro de Farias<sup>225</sup>, interventor Federal do Rio Grande do Sul, quando consultamos alguns jornais da época, não localizamos registro do planejamento ou tentativa de execução de tal ação, tendo os jornais se ocupado especialmente na colaboração do interventor para dar fim do levante.

A invasão à casa de Cordeiro de Farias não foi concretizada de fato, segundo os depoimentos. Mas foi efetivamente prevista e elaborada. A arregimentação dos envolvidos foi realizada por Edmundo Simões<sup>226</sup>. Foi combinado um encontro na Praça XV, no centro do

---

<sup>222</sup> *Jornal do Brasil* (RJ), 12.05.193, p. 70. “Vitoriosas as armas da legalidade”.

<sup>223</sup> *Correio da Manhã* 12.05.1938, p. 14. “Tentaram apreender o General Goes Monteiro: Como foi invadido o chefe do Estado Maior do Exército”.

<sup>224</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05 1938, p. 6, “pretenderam prender o General Góes Monteiro”.

<sup>225</sup> ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). “Revolta Integralista”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FARIAS,%20Gustavo%20Cordeiro%20de.pdf>, acesso em 20.04.2021.

<sup>226</sup> Edmundo Simões. Guarda de presidio até 27 de janeiro de 1938 e conforme o descrito nos autos para apurar as responsabilidades dos implicados nos assaltos projetados nas residências de diversas autoridades civis e

Rio de Janeiro, por volta das 20 horas, onde receberam a missão de realizar o cerco da casa do Coronel Farias. Em determinado momento, Simões recebeu ordens para não continuar conforme o planejado. Os homens ali reunidos foram então em direção a Praça Paris e a partir desse momento o grupo iria fazer parte da milícia de choque. Muitos deles desistiram do feito.<sup>227</sup>

O Coronel recebeu a informação de que os integralistas estavam planejando uma invasão a residência dele, por esse motivo, se retirou de casa, sendo essa, provavelmente, a explicação para que o plano não pudesse ser executado. Razão pela qual o grupo desistiu do que pretendia fazer. Mas essas são suposições nossas. Se algo diferente ocorreu, não localizamos outras evidências a esse respeito.<sup>228</sup>

Em entrevista ao *Correio da Manhã*, Farias elogiou tanto a Vargas, quanto a Dutra na atuação contra o levante, mas não mencionou ou não foi publicado ele ter recebido a informação de uma tentativa de assalto a sua residência, provável fator que realmente evitou a ação elaborada contra a pessoa dele.<sup>229</sup>

Registros de mesmo conteúdo foram publicados no *O Jornal*. Já o *Diário de Notícias*, deu destaque expressivamente maior a reunião que Farias teve com o ministro da guerra e o presidente, após o levante e nada mencionou do ataque frustrado contra Cordeiro de Farias.

### 1.2.5 Almério Moura

A tentativa de invasão e sequestro do comandante da 1º divisão militar, general Almério Moura<sup>230</sup>, foi outro episódio cuja versão dava conta de que homens teriam se dirigido à casa do general, e ali plantado bombas com o intuito de fazer explodir a residência. A versão do jornal *Correio da Manhã* dava conta não de uma tentativa de assalto ou sequestro, mas sim

---

militares, estações de rádios, telefônicas e telegráficas, na madrugada de 11 de maio. Nesse processo ele é citado como sendo o Chefe, informação que não logramos confirmar em outra fonte.

<sup>227</sup>AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v.7.

<sup>228</sup> Idem.

<sup>229</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 17.05.1938, p. 6. “O interventor Cordeiro de Farias fala sobre os acontecimentos: Foi dos primeiros a avistar o presidente da república”.

<sup>230</sup> ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Revolta Integralista*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moura-almerio-de>, acesso em 20.04.2021.

um atentado, que pelo volume de artefatos poderia produzir a morte do general alvo de tal empreitada.<sup>231</sup>

*O Jornal* não publicou a tentativa de ataque ou explosão em si, mas em uma nota, listou os nomes dos que teriam sido escalados para o assalto e sequestro de Moura e, ao final, registrou que os nomeados não estariam armados e:

Os grupos dos camisas verdes designados para a residência dos generais Isauro Regueira e Almério Moura, dispunham de plantas das referidas casas, elaboradas pelos chefes do movimento e distribuídas aos encarregados da execução do plano. Acompanharam os “croquis” as listas com os nomes dos auxiliares de cada ataque.<sup>232</sup>

#### 1.2.6 Adalberto Pompilio

Segundo consta na conclusão do inquérito de número 600, o assalto a residência do Comandante do Batalhão das guardas Adalberto Pompilio Rocha Moreira, foi comandado por Braz Neri. Uma semana antes foi procurado por “Natan”, codinome de Hermes Binz de Albuquerque, e convidado para participar do levante. Foi instruído a procurar Júlio José Pereira de Moraes<sup>233</sup> para receber 10.000 réis, ao qual teria sido entregue na casa do comandante Barbosa Lima. Incumbiu Neri do assalto a Pompilio e a proceder com o assassinato dele, caso o grupo encontrasse resistência.<sup>234</sup>

Curiosamente, a versão apurada pela polícia no inquérito deu conta de versão menos impressionante em termos de violência: Os assaltantes prenderam o porteiro de nome Guilherme Citel e avariaram a instalação de telefone do prédio. Subiram até a residência de Pompilio, mas não o prenderam, só o avisaram que o governo tinha caído.<sup>235</sup> Nada de tentativas de explosão ou homicídios.

A versão publicada pelo *Correio da Manhã*, bem mais próxima da versão apurada no inquérito, descreveu que Pompilio estava dormindo em sua casa na avenida Atlântica, nº 156,

---

<sup>231</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 6. “Ia ser Dinamytada a residência do comandante da região”.

<sup>232</sup> *O Jornal* (RJ) 07.1938, p.5 “Os integralistas que pretenderam revoltar a vila militar serão julgados no dia 6”.

<sup>233</sup> Júlio José Pereira de Moraes. Automobilista, conforme SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 406.

<sup>234</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3, p.113.

<sup>235</sup> *Idem*, p. 113-114.

apartamento número 22, em Copacabana, quando foi acordado com batidas fortes na porta. Sem abri-la, perguntou quem era, foi quando o outro indivíduo respondeu:

- O ministro da guerra foi preso. Sei que o Coronel é amigo do General Gaspar Dutra. Não quer sair?

(...) Respondendo ( Pompilho) em seguida:

Já sei e também já me comuniquei com o batalhão sob o meu comando.<sup>236</sup>

Os indivíduos então teriam fugido em dois ou três carros. O porteiro estava fisicamente machucado, agressão essa feita com o propósito de descobrirem qual era o apartamento de Pompilio. Pompilio então se dirigiu ao Forte do Vigia, onde soube que estavam atacando o Palácio Guanabara.<sup>237</sup>

*O Jornal* não publicou nada de muito diferente dos demais diários, só que a vítima teria sido acordada por rumores. Segundo a publicação, logo após acordar, Pompilio teria se dirigido para o Forte de Vigia. Esses detalhes teriam sido informados ao jornal na sala de imprensa do Catete, quando da entrevista coletiva a respeito da repressão ao levante.<sup>238</sup>

### 1.2.7 Euzébio de Queiroz Filho

A respeito do assalto a residência do comandante da polícia especial, Euzébio de Queiroz Filho<sup>239</sup>, no depoimento que concedeu, relatou que chegou em casa desarmado e foi dormir, mas a 1 hora e 40 minutos da manhã, a campainha tocou. Ao abrir o portão, ouviu o disparo de um revólver, armou-se e tentou atirar pela fresta da porta, porém, percebeu que encontrava-se cercado. A partir daí, depôs que tentou sair pela varanda do quarto, mas uma bomba o impediu. Nesse momento o telefone tocou para avisá-lo sobre o assalto ao Palácio

---

<sup>236</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 13.05.1938, p.1. “Em torno dos trágicos acontecimentos da madrugada de quarta feira”.

<sup>237</sup> *Idem*.

<sup>238</sup> *O Jornal* (RJ) 13.05.1938, p. 7. “O presidente da república exalta a atitude do exército”.

<sup>239</sup> SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 412.

Guanabara, foi quando Queiróz pediu o envio de dois homens da polícia especial, mas quando esses chegaram, o tiroteio já tinha cessado, conforme o desenrolar do testemunho:

Após atender o telefonema, tentou sair pela porta da frente, por onde havia sido alvejado na primeira vez, mas que, ao atingi-la, outra dinamite rebentou na varanda, ocasionando grandes estragos na porta da cozinha, ficando a referida porta e as cadeiras crivadas de pequenos pedaços de vergalhões de ferro, estilhaços de granada que ali arrebentaram. (...) abrindo a porta da cozinha, veio rastejando e entrincheirou-se, esperando que alguns dos assaltantes entrassem pela porta aberta e o declarante do ponto em que estava, alvejaria os assaltantes. (...) o declarante, em altas vozes: "Entrem, covardes, miseráveis! isso tudo, atirando para o lado em que deviam se encontrar, a fim de barrar a progressão dos assaltantes, e contra a expectativa do declarante, nenhum deles teve coragem de entrar e, logo após, cessaram o fogo, (...)."<sup>240</sup>

Um vizinho de Queiroz, de nome Niemeyer, enquanto o assalto acontecia, foi obrigado a levar em seu automóvel indivíduos para seu quartel general próximo a gruta da imprensa, lá ele relatou ter ficado detido até de manhã.<sup>241</sup>

A ajuda pedida por Queiroz chegou alguns minutos depois que os assaltantes foram embora. Mesmo de pijamas, Queiroz compareceu ao Palácio Guanabara para oferecer ajuda.<sup>242</sup>

Segundo os autos do processo número 600, “instaurado para apurar a responsabilidade dos implicados nos assaltos planejados às residências de diversas autoridades civis e militares, estações de rádios, telefônicas e telegráficas, na madrugada de 11 de maio de 1938”, quando analisamos o assalto a residência de Euzébio de Queiroz Filho, vários depoimentos indicam Americo Gomes Veloso como aquele que teria convocado os indivíduos para a participação desse ato. Veloso, mesmo negando a participação dele, depõe que recebeu uma lista de nomes de Francisco Caruso Gomes na qual continha nomes de diversos indivíduos que poderiam ajudar a vigiar Queiroz.<sup>243</sup>

O *Correio da Manhã* noticiou o ocorrido de maneira que desse a entender que Queiroz tivesse sido acordado por uma bomba de dinamite, e simplesmente tivesse ficado no chão

---

<sup>240</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180 v.5, p. 42.

<sup>241</sup> Idem.

<sup>242</sup> Idem.

<sup>243</sup> Idem.

esperando o tiroteio passar, diminuindo dessa forma a versão de heroísmo construída pela vítima.<sup>244</sup>

*O Jornal* publicou que tentaram explodir a residência de Euzébio de Queiroz:

Na noite do dia 10 o sr. Belmiro Valverde deixou o reduto da Avenida Niemeyer e rumou para a esplanada do Castelo, onde se encontrou no edifício em obras da Policlínica com os líderes encarregados de operar no centro da cidade. Quarenta homens ficaram na Gávea sob o comando do sr. Lauro Berreira. Cerca de 1 hora da manhã os sediosos deixaram a gávea e foram dinamitar a residência do comandante da polícia especial, tenente Euzébio de Queiroz. Foi o mesmo grupo que tentou assaltar as residências dos generais Góes Monteiro e Benicio Valentin.<sup>245</sup>

#### 1.2.8 Valentim Benicio

Valentim Benicio, Comandante da Vila Militar, segundo o documento judicial nº 180, foram jogadas na residência do general da brigada, Valentim Benicio da Silva<sup>246</sup> bombas de dinamite. O assalto teve como líder Thiers Barcelo Coutinho.<sup>247</sup>

No *Diário de Notícias* foi publicado que na residência de Benicio, na rua Paysandu nº 191, já em Laranjeiras, não muito distante do Palácio Guanabara, teria ocorrido intenso tiroteio devido a resistência de Benicio e seus familiares.<sup>248</sup>

Segundo o *Correio da Manhã*, sofreu um dos assaltos mais violentos. Benicio em sua entrevista ao jornal explicou que o assalto aconteceu da seguinte forma:

---

<sup>244</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 14, “Como se deu o ataque a residência do comandante da Vila Militar”

<sup>245</sup> *O Jornal* (RJ) 13.05.1938. p. 10, “Pelos informações prestadas á policia, o sr. Plinio Salgado desaprovou o movimento”.

<sup>246</sup> ABREU, Alzira Alves de. *et al* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://cpdoc.fgv.br>, acesso em 14.04.2022.

<sup>247</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v.7, p. 121.

<sup>248</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 12.06.1938 p. 2. “Os assaltos as residências dos Generais Góes Monteiro e Valentim Benicio e o sequestro do Coronel Conrobert Costa”.

Recebi um aviso do Quartel General do exército de que se preparava um movimento sedicioso nesta capital. Estava já me vestindo para sair e assumir o meu posto, quando ouvimos os primeiros tiros partidos do Guanabara. Nesse interim, minha senhora abriu uma das janelas da frente e imediatamente foi alvejada várias vezes. (...) descemos para a sala de jantar, no pavimento térreo. Preparamos a defesa. Mas os tiros, as granadas e o vozeiro para que eu me rendesse, continuavam sem que os assaltantes se animassem a forçar as portas. E foi aí que resolvi cerca de meia hora depois, entre o tiroteio pular com todos os demais o muro dos fundos da residência, que dá acesso para a Casa dos Expostos.<sup>249</sup>

O *Diário de Notícias* em um primeiro momento publicou de maneira muito breve o registro sobre o assalto, anunciando que Benicio e a família ofereceram resistência e que na residência da família, ocorrera um tiroteio.<sup>250</sup>

O *Diário da Justiça* também registrou um ataque violento no qual foi utilizado bombas e armas contra a residência de Valentim Benicio.<sup>251</sup>

O *Jornal* não publicou nada de diferente, o *Correio da Manhã* foi o que mais se aprofundou sobre o assunto.<sup>252</sup>

O *Correio da Manhã* fez uma reportagem mais detalhada. Segundo a matéria, o tiroteio teria durado duas horas. O jornal reproduz entrevista de Benicio na qual ele relata que estava para sair de casa devido as notícias do ataque ao Palácio Guanabara, quando a esposa dele foi atingida por um estilhaço ao abrir a janela. Reuniu então sua esposa, a filha e o filho, e desceram para a sala de jantar no térreo. Após algum tempo junto com a família, Benicio pulou o muro de trás em direção ao local onde estava um orfanato, e dali seguiu sozinho, de taxi, para o quartel general.<sup>253</sup>

Ao chegar no quartel, encontrou Alfredo Soares dos Santos<sup>254</sup> anunciando a subversão contra o governo e a prisão de Benicio. Soares dos Santos foi então preso de imediato. Já no

---

<sup>249</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938. p. 14, “Como se deu o ataque a residência do comandante da Vila Militar”.

<sup>250</sup> *Diário de Notícias*. (RJ) 12.05.1938, p. 2, “O assalto as residências dos generais goes monteiro e Valentim Benicio e o sequestro do coronel Canrobert Costa”.

<sup>251</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.375, p. 111-112.

<sup>252</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05.1938, p. 6, “O movimento através dos comunicados oficiais”.

<sup>253</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.5.1938, p. 14. “Como se deu o ataque à residência do comandante da Vila Militar”.

<sup>254</sup> Alfredo Soares dos Santos, era Major, de acordo com SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 415.

Quartel, mandou o Batalhão escola e o primeiro regimento de infantaria para o Palácio Guanabara.<sup>255</sup>

### 1.2.9 Filinto Muller

O assalto à casa do chefe de polícia da então Capitão Filinto Muller não chegou a acontecer, porém o *Correio da Manhã* publicou detalhes do que teriam sido os planos do grupo que deveria assaltar a residência dele. Segundo o jornal, o grupo tinha o objetivo de prender ou matar Muller. Os assaltantes seriam alunos da Faculdade de Medicina e Direito de Niterói, mesma faculdade de Direito onde Muller fora aluno. O grupo iria se reunir as 11 horas da noite na praia do Leblon.<sup>256</sup>

Já *O Jornal* publicou que segundo os depoimentos, os assaltantes não tinham a intenção de matar o chefe da polícia, mais sim de detê-lo em sua própria casa. O *Diário de Notícias* não publicou nada de muito diferente.<sup>257</sup>

A respeito do assalto à casa de diversos militares, o que mais ocupou espaço na imprensa foi o ocorrido na residência de Conrobert, pois foi o único cujo sequestro foi efetivado e, mesmo assim, com o refém conseguindo fugir não muito tempo depois de ter sido capturado. Quanto aos demais citados, os registros dão conta de tentativas frustradas, com versões contraditórias, não sendo possível ter certeza quanto ao que aconteceu de fato. Sendo assim, a imprensa se concentrou na cobertura das partes do plano que possivelmente poderiam produzir mais apelo ao público que comprava os jornais, dando ênfase principalmente ao ataque ao Palácio Guanabara, assalto à Marinha entre outros.

Muitos dos assaltos a residências de oficiais não foram concretizados dentre eles, podemos citar, o assalto a residência do Ministro da Justiça, de Edgar Facó, do Ministro João Adalberto, do comandante da 3ª região militar, Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias<sup>258</sup>, do chefe da polícia da capital, Filinto Muller e do comandante do exército Amauri Kruehl.<sup>259</sup>

---

<sup>255</sup> *Correio da Manhã* (RJ), 12.5.1938, p. 14. “Como se deu o ataque à residência do comandante da Vila Militar”

<sup>256</sup> *Correio da Manhã*. 25.05.1938, p. 7, “Ouvido o grupo que deveria assaltar a casa do chefe da polícia: O capitão Filinto Muller interrogou os estudantes encarregados de matá-lo ou prendê-lo”.

<sup>257</sup> *O Jornal*. (RJ) 25.05.1938, p. 7, “Escalados para assaltar a residência do chefe da polícia”.

<sup>258</sup> Alzira Alves de ABREU et al (coords.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, In: <http://cpdoc.fgv.br>, Acesso em 14.04.2022.

<sup>259</sup> Idem.

Dos assaltos a edifícios públicos, o plano para tomar os telégrafos, estações de rádio, edifício da chefatura de polícia, foram alguns dos que não foram executados.

Em geral todos os casos de assalto a residências, demonstram que a imprensa foi seletiva, escolhendo os casos que iria levar ao público. Demonstrando os casos, muitas vezes de forma sensacionalista como é o caso do *Correio da manhã*.

Dentre os diferentes jornais há diferenças não só da maneira que é publicado mas também da informação tratada. Os integralistas foram expostos como terroristas, pronto para atacar e matar.

## 2 Assaltos a edifícios públicos

### 2.1 Ferrovia Leopoldina

Houve também o ataque a edifícios públicos, usando como estratégia, cortar alguns dos serviços básicos dos imóveis, na tentativa de dificultar a resistência contra o levante. Um dos “assaltos projetados” foi o da estação Barão de Mauá da ferrovia Leopoldina.<sup>260</sup>

Conforme a descrição do agente da estação Barão de Mauá, Clodomiro Cardoso<sup>261</sup>, agente lotado na estação Barão de Mauá, ele notou uma movimentação suspeita de diversos empregados que pareciam estar reunidos a mando de Alfredo Pinto da Cunha<sup>262</sup>. As duas horas e quinze minutos a concentração de trabalhadores aumentaram. Nesse momento, o inspetor de serviço tentou reportar a seus chefes na polícia central a movimentação suspeita. Mas esse registro não foi efetivado, devido ao fato de um grupo de trabalhadores chefiados por Alfredo Cunha, Antônio Soares<sup>263</sup> e Antônio Vianna Filho<sup>264</sup>, terem retirado o receptor do

---

<sup>260</sup> “Assaltos projetados” foi a expressão usual nos autos relativos aos inquéritos para se referir aos assaltos planejados, conforme se constata da leitura dos processos aqui mencionados.

<sup>261</sup>. AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v 7, p. 6.

<sup>262</sup> Alfredo Pinto da Cunha era escrivão da inspetoria, conforme o descrito na documentação. Ver: AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v.7, p. 6.

<sup>263</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v 7, p. 6.

<sup>264</sup> Idem.

ouvido do inspetor. Logo após Alfredo Cunha e Antônio Soares avisaram a Clodomiro Cardoso que fechariam a estação.<sup>265</sup>

Antônio Soares alegou, assim como os demais, que foi integralista mas não teria tido participação no ato. Soares afirmou que Cunha o explicou que a estação seria fechada durante a revolução, mas ele não atendeu ao chamado.<sup>266</sup>

O ferroviário da estação Leopoldina, Alfredo Pinto Cunha (Brito)<sup>267</sup>, trouxe um embrulho contendo armamento e bombas para os revoltosos. Nesta ocasião, Cardoso conseguiu falar com o controle, e recebeu a informação que Francisco Ivo de Melo<sup>268</sup> já tinha avisado aos distritos de Braz de Pinna e de Bonsucesso.<sup>269</sup>

Por volta das três horas e vinte e cinco minutos da manhã, o exército chegou, e por intermédio de Cardoso, conseguiu fazer com que o líder dos revoltosos liberasse a estação. A partir daí, os funcionários que fizeram parte do levante, fugiram pela plataforma dos subúrbios, na direção da rua São Cristóvão.<sup>270</sup>

Uma testemunha de nome Ivo de Melo, depôs que ele e o pequeno grupo de funcionários que não fazia parte do levante estavam desamarrados, por tanto, quando um dos revoltosos o encaminhou para uma cabine, conseguiu se comunicar pelo telefone oficial com o comissário do distrito 21, com o posto vigário, a polícia municipal de Ramos, e o encarregado pelo controle. Mas quando a cabine foi tomada pelos assaltantes, Ivo de Melo e o resto dos funcionários esperaram no escritório de controle.<sup>271</sup>

Na cabine de São Cristóvão, ocorreu também uma tentativa de parar a circulação dos trens, porém, como na cabine de Barão de Mauá tudo já tinha sido resolvido, a tentativa foi fracassada.<sup>272</sup>

Como consta no depoimento do ferroviário Bolívar Figueira da Silva<sup>273</sup>, Cunha fechou a estação por causa dos policiais e pelos seus companheiros integralistas, que estavam participando do resto do levante e estarem morrendo. Mas segundo o processo, o que as

---

<sup>265</sup> Idem.

<sup>266</sup> Idem, p. 12.

<sup>267</sup> Idem, p. 13.

<sup>268</sup> Francisco Ivo de Melo era ajudante “externo-controle”. Conforme descrito na documentação. Ver: AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v 7. P 06. p. 7.

<sup>269</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v 7, p. 6.

<sup>270</sup> Idem.

<sup>271</sup> Idem, p. 7.

<sup>272</sup> Idem, p. 9.

<sup>273</sup> Idem, p. 28. Bolívar Figueira da Silva é descrito como ferroviário.

autoridades constatarem a partir das evidências, foi que o objetivo dos assaltantes era paralisar o movimento dos trens para causar confusão. Tal assalto teria sido feito por funcionários da ferrovia, estando a frente Alfredo Cunha.

No *Correio da Manhã*, há a publicação de uma nota sobre o caso, explicando que foi uma tentativa de assalto rápida, paralisando os serviços telefônicos e trens, mas com a chegada do exército não houve resistência, tendo todos os envolvidos fugido sem que tivesse ocorrido prisões no local.<sup>274</sup>

No jornal *A Noite*, não há nada de muito diferente, além da informação que os assaltantes fugiram de automóvel.<sup>275</sup>

O *Diário de Notícias* noticiou que os rebeldes foram afastados pelo exército que protegia aquela estação.<sup>276</sup>

## 2.2 Rádios e telégrafos

A respeito da tentativa de assalto aos telégrafos, o *Correio da Manhã* publicou uma versão dos fatos de como teria sido evitada. Intitulando o levante como “noite sangrenta”, o jornal dedicou uma pequena nota para as explicações de João Augusto Neiva, na época, superintendente do tráfego telegráfico. Os responsáveis pelo levante tinham como objetivo o telegrafo nacional, mas a resistência se deu da seguinte forma, nas palavras de Neiva:

Ordenei que se comunicasse com o quartel da polícia militar, solicitando -lhe garantias imediatas. (...) Chegando à repartição encontrei-a já guarnecida pela força policial requisitada.(...) Pelo tenente comandante da referida força, foi determinado que se apagassem as luzes do edifício, afim de não sermos visados, o que, certamente muito influiu para repelirmos o assalto planejado e em começo executado por um grupo que vinha pela rua misericórdia.<sup>277</sup>

---

<sup>274</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 13.05.1938, p.14, “A Intentona Integralista”.

<sup>275</sup> *Jornal a Noite* (RJ) 11.05.1938, p. 27, “Ocupada a estação Barão de Mauá”.

<sup>276</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 12.05.1938, p. 6, “A estação Barão de Mauá em poder dos rebeldes”.

<sup>277</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 17.05.1938, p. 14, “Como se evitou o assalto aos telégrafos: esclarecimento prestado pelo superintendente do tráfego”.

Segundo o *Diário de Notícias*, os integralistas tinham o objetivo assaltar o telegrafo, para noticiar a vitória do levante, mesmo que não tivesse sido vitorioso, convencendo assim, segundo o jornal, os militares.<sup>278</sup>

Sobre o assalto a estações de rádio, *O Jornal* cita o assalto à rádio da Ilha do Boqueirão, onde o comandante Sérgio Ferreira teria resistido.<sup>279</sup> Também são mencionadas as estações de rádio *Guanabara*, *Vera cruz* e *Jornal do Brasil*. As estações do *Guanabara* e *Vera Cruz* acabaram transmitindo mensagens a favor do movimento, devido ao fato estarem sendo ocupadas pelos assaltantes.<sup>280</sup>

O *Diário de Notícias*, reportou que a emissora *P.R.E.6* de Niterói tinha sido fechada após o levante, em razão da emissora pertencer na época a integralistas, e durante o levante, ter demonstrado apoio ao movimento. Seus diretores eram Belmiro Valverde e Simões Costa.<sup>281</sup>

O *Correio da Manhã* noticiou a respeito do assalto a rádio da Marinha, nominando os assaltantes como “revoltosos” e mencionando que teria ocorrido uma intensa troca de tiros de durante toda a madrugada.

Oito horas da manhã, já escassa a fuzilaria da estação, dispôs-se o sargento radiotelegrafista Antônio de Oliveira Mendonça, a penetrar no pátio da estação emissora do radio da marinha. A luta se feriria então em idênticas condições.(...)

Preso o cabeça da rebelião os que obedeciam, decidiram não opor mais resistência.

Iniciou-se, então, a fuga desordenada dos rebeldes que, galgando o morro do ouro, ali se refugiaram.<sup>282</sup>

Segundo o *Diário de Notícias*, a rádio *Mayrink Veiga* seria a responsável por transmitir o sinal que daria início ao levante.<sup>283</sup>

---

<sup>278</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 18.05.1938, p. 5, “Espalharia Notícias falsas pelo Telegrafo”.

<sup>279</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05.1938, p. 5, “Articulando o Movimento”.

<sup>280</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05.1938 p. 6, “Ocupação de Estações de Rádio”.

<sup>281</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 12.05.1938, p 3, “Frustrada mais uma tentativa de subversão do novo regimen Simões Costa”.

<sup>282</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 3, “Como se verificaram os acontecimentos na Ilha do Governador: movimento na estação de rádio da Marinha, a rendição, fuga e prisões”.

<sup>283</sup> *Diário De Notícias* (RJ) 24.05.1938, p. 4, “A conspiração Integralista de 11 de Março”.

Já o *Diário de Notícias* trouxe a informação de que as estações de rádio *Vera Cruz*, *Transmissora*, *Guanabara* e *Jornal do Brasil* foram assaltadas, e transmitiram mensagens subversivas durante o levante.<sup>284</sup> Essas estações foram retomadas posteriormente por militares que procederam com a prisão de várias pessoas envolvidas.<sup>285</sup>

O *Correio da Manhã*, em matéria sobre o inquérito que foi enviado ao tribunal de segurança, organizou os envolvidos em três tipos de categoria: os chefes e aliciadores, aqueles que recusaram participação e, por fim, aqueles que não foram chamados, mas ainda assim, tiveram seus nomes postos inseridos na lista de assalto na qualidade de colaboradores.<sup>286</sup>

O *Diário de Notícias* reproduziu o depoimento de um dos detidos, no qual ele afirma:

Expedicto, cujo o estado não é grave, declarou que foi encarregado de incendiar o edifício da academia do comércio, a fim de que o fogo desviasse a atenção dos bombeiros e também dos funcionários dos telégrafos, cujo o prédio fica próximo, na Praça 15 de Novembro, facilitando assim a ação dos seus companheiros na empreitada.<sup>287</sup>

Sobre o Pavilhão Mourisco, *O Jornal* publicou uma nota a respeito do incêndio, noticiando que houve um início de fogo que logo foi apagado pelo servente. “Consta ainda ao M.P. [Ministério Público] que existem, em algumas portas do edifício, vestígios do incêndio, razão pela qual requer se proceda uma vistoria no local e sejam feitas diligências inclusive o depoimento de testemunhas, a fim de que o facto melhor se esclareça”.<sup>288</sup>

O *Correio da Manhã* publicou que no dia do levante as polícias militar e a especial chegaram até três estações telefônicas. Os rebeldes divulgaram a notícia falsa de que o presidente da República já se encontrava preso por eles no Palácio Guanabara, e se preocuparam em fazer com que tais rumores chegassem até as estações de rádio.

Uma das estações telefônicas que foi assaltada, foi a da rua general Canabarro, aparecendo no jornal *Correio da Manhã* a acusação de envolvimento de Fernando Lacerda

---

<sup>284</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 12.05.1938, p. 2, “O assalto as residências dos Generais Góes Monteiro, Valentim Benício e sequestro do Coronel Conrobert Costa”.

<sup>285</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 12.05.1938, p. 6, “As transmissões Radiophônicas dos revoltosos”.

<sup>286</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 19.07.1938, p. 2, “Os assaltos a residências particulares na madrugada de 11 de maio: concluído, foi o inquérito enviado ao Tribunal de Segurança”.

<sup>287</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 19.05.1938, p. 2, “Depõe um incendiário”.

<sup>288</sup> *O Jornal* (RJ) 26.07.1938, p.7, “Severo Fournier e seus companheiros de assalto ao Palácio Guanabara serão julgados hoje”.

Barbosa na ação, uma vez que foi rapidamente liberado pelos assaltantes e era figura conhecida por sua militância como integralista.<sup>289</sup>

Entraram de surpresa agindo com rapidez que impossibilitou qualquer movimento de defesa por parte dos que, ali, se achavam trabalhando. E se apossaram de todo o controle do serviço. Os empregados foram, colocados sob ameaça de morte, colocados em fila, junto a uma parede, achando-se os assaltantes armados, todos eles, de revolver. ( ...) E foi esse “chefe” que intimou a um dos empregados da estação desligasse todo o serviço.<sup>290</sup>

Segundo o *Diário de Notícias* “pelos revoltosos foram atacadas as estações telefônicas de números 25, a rua Dois de Dezembro; 26, a rua Ipu; 48, em vila Isabel e 27, Copacabana.”<sup>291</sup>

*O Jornal* noticiou que estações telefônicas foram assaltadas, o que levou ao corte das comunicações.<sup>292</sup>

### 2.3 Palácio Guanabara

Antes do assalto ao Palácio Guanabara, tanto as residências dos oficiais, quanto o Palácio da rua Passandu, foram rondados.<sup>293</sup>

No inquérito do Palácio Guanabara, é possível ter acesso ao depoimento de alguns dos principais participantes, fossem eles contra ou a favor do presidente. Segundo o testemunho de Manoel Pinto, cerca de uma da manhã um grupo de pessoas invadiu os jardins do Palácio Guanabara. Como defesa, a guarda ali presente atirou contra os assaltantes. Parte da guarda tentou contatar o Palácio do Catete, mas as linhas estavam cortadas. Os assaltantes estavam todos fardados e coniventes com o tenente Nascimento, oficial encarregado de comandar a

---

<sup>289</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 13.05.1938, p. 6, “Como foi assaltada a estação telefônica da rua General Canabarro”.

<sup>290</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 13.05.1938, p. 6, “Como foi assaltada a estação telefônica da rua general Canabarro”.

<sup>291</sup> *Diário de Notícias* (RJ) 12.05.1938, p. 5, “Assalto as Estações Telefônicas”.

<sup>292</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05.1938, p. 6, “Estações Telephonicas ocupadas”.

<sup>293</sup> *O Jornal* (RJ) 17.05.1938, p. 1, “Trucidariam o ministro da Guerra e altas autoridades militares. Como falou o chefe da turma encarregada de eliminar o General Eurico Dutra”.

guarda do Palácio e a zelar pela segurança do presidente, mas que aderiu e participou da tentativa de golpe contra o governo.<sup>294</sup>

Como resistência ao ataque integralista, o jornal *Correio da Manhã* exaltou Isaac Cunha, tenente da Armada e Manoel Pinto, investigador de polícia, ambos atirando com metralhadoras. Na publicação foi descrito de como a coragem deles inspiravam aqueles que lutavam para proteger o Palácio e o presidente.<sup>295</sup>

Isaac Cunha foi avisado de antemão pelo general Francisco José Pinto sobre boatos de perturbação da ordem, relatou que a partir daí avisou a esse respeito ao tenente Nascimento, mas ele não quis informar ao resto da guarda.<sup>296</sup>

O assalto ao Palácio Guanabara foi o que mais recebeu espaço e destaque nos jornais. A edição do *Correio da Manhã* de 12 de maio teve em sua primeira página, o levante e, em destaque, o assalto ao Guanabara.

Os assaltantes lograram facilmente penetrar nos jardins da residência presidencial, graças a convívência do oficial do corpo de fuzileiros que comandava a guarda do palácio, tenente Nascimento, cujo paradeiro não foi identificado. Esse oficial preparou tudo para o pleno sucesso dos seus companheiros de credo. (...) Uma vez dentro da casa da guarda, os integralistas, que estavam quase todos envergando o fardamento da Marinha, tomaram as armas ali existentes, distribuíram-se pelos diferentes setores nas cercanias do Guanabara e ocuparam também parte do morro da graça, que fica atrás do palácio presidencial. Feito isso, entraram em ação direta contra a residência do chefe da nação, que passou a ser alvejada por dois lados com verdadeira fúria.<sup>297</sup>

É descrito sobre a coragem de Getúlio Vargas que atirava contra os assaltantes e de sua filha Alzira Vargas.<sup>298</sup>

Isaac Cunha foi o responsável por entrar em contato, a matéria não explica como, com o ministro da guerra para pedir reforços e instruí-lo a respeito do melhor local quanto entrada das tropas. Oswaldo Cordeiro de Farias foi quem comandou estes reforços.

---

<sup>294</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL144, v.1.

<sup>295</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 1, “O Assalto ao Guanabara e a Reação”.

<sup>296</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL144, v.1, p. 142-143.

<sup>297</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 12.05.1938, p. 1, “O Assalto ao Guanabara e a Reação”.

<sup>298</sup> Idem.

A entrada de ambos com a tropa de reforço, deu-se pelo lado fluminense que os assaltantes não tinham guarnecido. Pouco depois, atacado por dois lados, os mashorqueiros se davam por vencidos, morrendo muitos deles e outros conseguindo fugir pelas matas do morro do Mundo Novo. O tenente Queiroz, comandante da polícia especial, desde pouco depois de duas horas da manhã, acompanhado de um choque daquela milícia, patrulhou as cercanias do palácio, tendo sido muito eficiente a sua ação na limpeza do morro que fica nos fundos do Guanabara.<sup>299</sup>

Aqueles que comandaram o assalto foram Rui Presser Belo, antigo capitão, que acabou morto, e o tenente Severo Furnier, que se encontrava foragido.

Segundo a publicação do dia 13 de maio, também do *Correio da Manhã*, os militares envolvidos não tiveram acesso ao quartel ou ao arsenal. Os chefes do assalto ao Guanabara e ao arsenal da Marinha eram civis, como podemos ver no trecho abaixo:

Agora, porém, o torpe atentado, a despeito dos militares transviados que vinham cedendo sua preciosa colaboração ao integralismo, não foi felizmente para o Exército e para a Marinha, um movimento de soldados ou de marinheiros que tivesse por berço e ambiente um quartel, com depósito de munições, um arsenal ao alcance de suas mãos. Os chefes da ofensiva contra o Palácio Guanabara e contra o Arsenal de Marinha eram civis, tais como o sr. Belmiro Valverde e Barbosa Lima, até agora apontados como orientadores da chacina planejada. E, se juntamente com os revoltosos se encontravam parcelas das forças armadas esses elementos não representavam uma entidade militar desavinda, que se houvesse, renunciando seu dever de manter a ordem, apoderando-se das armas das quais eram depositários de confiança<sup>300</sup>

O *Correio da Manhã* enalteceu de maneira muito expressiva aqueles que fizeram parte da resistência contra o ataque ao Guanabara, isso pode ser notado em uma pequena nota sobre o coronel Cordeiro de Farias, na qual ao noticiar que o militar estava voltando para o sul, também o descreveu como “comandante da tropa que dominou e esmagou os integralistas assaltantes do Palácio Guanabara”<sup>301</sup>

---

<sup>299</sup> Idem.

<sup>300</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 13.05.1938, p. 1, “Em torno dos trágicos acontecimentos da Madrugada de Quarta-feira: Enquanto a polícia apura as responsabilidades, de todos os recantos do país chegam manifestações de condenação à sangrenta mashorca integralista”.

<sup>301</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 13.05.1938, p. 3, “Regressa para o sul, hoje, o Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias”.

O *Correio da Manhã*, também publicou uma nota de opinião na qual mencionou a participação dos militares a favor do levante integralista. Esse editorial defende a tese de que não é possível uma pessoa ser militar e integralista ao mesmo tempo, pois, um seria contraditório ao outro. Os militares só poderiam seguir ordem e ter chefes de militares, dificultando a estrutura do integralismo.

O orgulho que em nome, de seu dever de integralista, afirma haver abatido companheiros de armas no exército de seu dever militar estrito, mostra que os dois deveres são inconciliáveis na doutrina e na prática: na doutrina, pelos vícios de origem do dever integralista, insinuando-se à margem e à revelia do dever militar; na prática, porque o dever integralista como aconteceu no ataque ao Palácio Guanabara, dominou e excluiu o dever militar, pela razão óbvia de não haver coexistido o dever militar no que atacava e no que defendia o edifício.<sup>302</sup>

No dia 14 de maio foi noticiado que o tenente Júlio Barbosa do Nascimento, que na noite do ataque estava como comandante da guarda do Palácio, confessara ter participado de todo plano juntamente com os integralistas, e mantido contato com Severo Fournier nos encontros na esquina do prédio do Ministério da Fazenda.

Então ele declarante disse a seus comandados que seria inútil qualquer tentativa de defesa do palácio, falam-lhes nesses termos:

“Como vêm vocês há um movimento vitorioso, seria um derramamento inútil de sangue”

Depois o tenente Nascimento seguiu com o Capitão Fournier e o ex Sargento Manoel Pereira de Lima para o Jardim do Guanabara. (...)

Contou em seguida o tenente Nascimento como o sargento Odilson, falando de fora, pediu um entendimento com a guarda. O Sargento Odilson vinha da parte do Ministro da Guerra e informou aos insurrectos que mais de uma brigada estava do lado de fora para a defesa do palácio, ao que o declarante respondeu que o Guanabara já estava dominado e em poder dos insurrectos. Neste momento entre os próprios rebeldes, estabeleceu-se a discussão sobre qual a atitude a tomar. (...)

---

<sup>302</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 13.05.1938, p. 4, “Crime”.

O Declarante procurou-se esconder em casa do seu tio, o capitão de mar e guerra reformador Oscar de Souza Espinola. Mas este, ao ser informado o que acontecera, Deu-lhe voz de prisão,(...).<sup>303</sup>

Em entrevista, Seraphin Vargas, sobrinho do presidente, declarou como impediram aqueles que entraram no jardim do Guanabara.

Postei-me, com os elementos da polícia especial, nas grades do palácio, mais perto do Fluminense F. Clube dali fizemos fogo, sem, contudo, logarmos grande resultados. Eles, lá de dentro, de vez em quando nos davam uma rajada de metralhadora.

A essa altura chegou um contingente da polícia militar, comandado por dois cabos, Uma vez que o tenente Afonso do caminho... A seguir, chegaram forças do Batalhão de Guardas, Comandados pelo tenente Edson e Miranda. Logo depois, apareceu no local o Ministro da Guerra. Tudo isso foi se passando com rapidez. O General Dutra determinou, então que eu assumisse o comando da força ali presente, garantindo as entradas do palácio, enquanto ele ia tomar outras providências. (...)

Foi exatamente neste instante que chegou ao local o Coronel Oswaldo Cordeiro de Faria, que me disse vir com ordem do ministro da guerra para assumir o comando das forças.

O Coronel Cordeiro de Faria, resolveu, então, comunicar-se com o Palácio, avisando, para evitar confusões, que íamos entrar pelo lado do Fluminense.<sup>304</sup>

Também é descrito a tática de entrada no Guanabara para protegê-lo.

Eu, o capitão Souza Aguiar e os Tenentes Edson e Miranda entramos pelo estande de tiro, arrombando portas ali existentes. Fomos até o pátio do fundo do palácio. Ali deixei aqueles companheiros e sai para apanhar a tropa que penetraria comigo pela porta do lado do Fluminense exatamente fronteira do Palácio.(...)

O ministro da guerra Já havia regressado ao campo de operação e estava em companhia do coronel Cordeiro. Foi o próprio ministro que designou a tropa da Polícia Militar que deveria entrar comigo, como entrou, pelo referido portão. Com essa tropa, mais dois policiais especiais e o dr. Luthero Vargas,

---

<sup>303</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 14.05.1938, p. 1, “Confessou-se integralista e que manteve ligações para a deflagração do movimento. Como depôs para autoridades policiais o tenente o tenente que comandava a guarda do palácio guanabara na madrugada de quarta feira”.

<sup>304</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 14.05.1938, p. 6, “Como as forças leaes entraram no Guanabara. Declarações do Capitão Seraphim Vargas”.

Entrei, vindo renuir-se a nós aqueles oficiais que se achavam no pátio dos fundos. Uma vez dentro do parque, entramos sem demora no palácio, dando uma batida rápida em todas as suas dependências.

(...) o Capitão Aguilar fazia limpeza do morro dos fundos do palácio.

Pela frente da casa entramos o coronel Cordeiro de Farias, eu, dois policiais especiais e o sargento Themistecles, da Polícia Militar. Pelos Fundos, entraram o sr. Júlio Santiago e dois policiais especiais, efetuando-se a prisão dos assaltantes que não tiveram tempo de fugir<sup>305</sup>

Porém, um ponto a se ressaltar nessa entrevista, é o de que Seraphin Vargas descreveu que o que realmente teria salvo o presidente, teria sido a covardia dos integralistas em entrar no edifício, onde segundo o entrevistado, havia só a família de Vargas.

Melciades Alves Portela, comandante do corpo de fuzileiros navais, também foi entrevistado. Segundo ele, mesmo com a traição de Júlio Nascimento, todos conseguiram cumprir seu dever, visto que muitos assaltantes estavam fardados podendo haver confusão.<sup>306</sup>

Uma das notícias publicadas foi a respeito de uma chave falsa fabricada para abrir um dos portões laterais do Palácio, atribuída a Gevarsio Bahia Agrícola, sargento do corpo de fuzileiros navais.<sup>307</sup>

Segundo o *Correio da manhã* dentre os vários assaltantes havia um em específico que visava executar o presidente, que ficou escondido no alto de uma arvore, em frente ao gabinete. Chegou a atirar, mas errou o alvo.<sup>308</sup>

Constatamos que muitas vezes o *Correio da Manhã* publicou notas com conteúdo opinativo tendencioso. Isso é percebido quando esse jornal criticou militares e marinheiros que faziam parte do integralismo. O argumento dos editorialistas era de que o juramento das duas instituições não poderiam ser seguidos ao mesmo tempo, pois ou a pessoa era totalmente fiel ao integralismo ou totalmente fiel as Forças Armadas, defendendo a ideia de que a dupla militância seria incompatível. O *Correio da Manhã* usou como exemplo o assalto ao Palácio Guanabara, onde muitos decidiram seguir o Integralismo ao sistema institucional e legal do país.<sup>309</sup>

---

<sup>305</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 14.05.1938, p. 6, “Como as forças legais entraram no Guanabara. A entrada no Guanabara”.

<sup>306</sup> *Correio da Manhã*.(RJ) 25.05.1938, p. 22, “ A intentona Integralista. Como falou sobre os acontecimentos o Comandante Melciades Portela”.

<sup>307</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 17.05.1938, p. 14, “Preso o Sargento que Fabricara a chave falsa de um dos portões do Guanabara”.

<sup>308</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 21.05.1938, p. 1, “Interessantes revelações da perícia no Palácio Guanabara. O integralista que tentou assassinar o presidente da República atirou de cima de uma arvore”.

<sup>309</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 15.05.1938, p. 4, “Tópicos e Notícias. O perigo da duplicidade”.

Segundo *O Jornal*, assim que o ministro da Guerra tomou providências, deu ordens junto a Almério de Moura, e se dirigiu ao Palácio Guanabara. Dentre as providências tomadas pelo Ministro da Guerra e Almério Moura podemos citar a ocupação do Morro da Conceição e as ruas próximas ao Ministério da Marinha.

(...) O Batalhão de guardas e tropas de vigia, se deslocaram em seguida para as imediações do Palácio Guanabara, onde sob o comando do coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, interventor do Rio Grande do Sul, ofereceram resistência aos rebeldes que atacavam a residência presidencial. O ministro da Guerra acompanhou esta tropa comandada pelo interventor Cordeiro de Farias<sup>310</sup>

No dia 12 de maio de 1938 *O Jornal* publicou uma página quase inteira sobre os detalhes do assalto ao Palácio Guanabara. A reportagem informava que o assalto foi comandado por Severo Fournier, apontado como um exaltado pela AIB.

Simultaneamente com a ação dos guardas rebelados, um auto caminhão repleto de elementos dos sediciosos, fartamente armados, estacionou a frente do edifício do palácio entrando a fazer fogo.

(...)

O Tiroteio dentro do parque do palácio Guanabara durou cerca de três horas, só terminando pelas quatro horas. O grupo rebelde dispersou-se morro acima.

(...)

A primeira tropa legal a ter contato com os rebeldes no Palácio Guanabara e nos demais setores foi a polícia civil, orientada pelo capitão Filinto Muller e dr. Israel Solto.

Os choques iniciais tiveram lugar pouco depois da meia noite, Arsenal da Marinha e na residência do presidente da república. O Major Anysio, atualmente no gabinete do dr. Israel Solto, foi a primeira pessoa no que conseguiu penetrar no Palácio Guanabara e quando ali se lutava arrombando um muro do Fluminense F.C.

Pouco depois, com a chegada de reforços, os rebeldes daquele reduto foram completamente dominados.<sup>311</sup>

---

<sup>310</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05.1938, p. 6, “O movimento através das Comunicações Oficiais”.

<sup>311</sup> *O Jornal* (RJ) 12.05.1938, p. 10, “Como foi feito o assalto ao Palácio Guanabara. Minucioso relato, com detalhes novos, dos acontecimentos verificados durante o ataque”.

Segundo a entrevista de Lutero Vargas, filho do presidente, ao *O Jornal*, ele foi até o Palácio Guanabara onde encontrou, na rua Coelho Neto, o coronel Cordeiro de Farias, o capitão Serafim Vargas entre outros oficiais.

A seu pedido tracei uma espécie de “croquis” da disposição do edifício do Palácio, que tem do seu lado direito um portão de entrada, que sempre se conserva fechado. Fomos de automóvel, ao palácio do Catete, de onde, pelo telefone oficial, falei com minha irmã Alzira, que nos informou não terem os rebeldes entrado no edifício, que atiravam do parque e do morro próximo, Voltamos então, à esquina do morro Coelho Neto, entramos pelo portão que dá pelo lado do Fluminense, que aliás estava aberto.<sup>312</sup>

Sobre a participação de Plínio Salgado, *O Jornal*, publicou que o líder integralista teria tido acesso ao plano, mas não teria concordado com ele. Salgado estava em São Paulo quando teria recebido tais informações de Jair Brito Ferreira, juntamente com um pedido de apoio.

Após o regresso do emissário, trazendo a negativa do chefe integralista, foi verificada uma cisão nas hostes do sigma. Uma corrente ficou sob orientação do sr. Belmiro Valverde, financiador do movimento, Raymundo Barbosa Lima, organizador e Lauro Barreira, Severo Fournier e Manuel Freire, executores do plano geral.<sup>313</sup>

## 2.4 Marinha

Sobre o assalto ao Arsenal da Marinha, o *Correio da Manhã* afirmou que os oficiais ali sediados, haviam sido informados previamente em relação a possibilidade de ataque. Arthur Seabra, comandante responsável pela atuação dos Fuzileiros Navais contra assaltantes, testemunhou que:

---

<sup>312</sup> *O Jornal* (RJ) 13.05.1938, p. 7, “O Sr. Lutero Vargas para os “ Diários Associados” os sangrentos acontecimentos do Guanabara. Momentos dramáticos vividos na madrugada de 11”.

<sup>313</sup> *O Jornal* (RJ) 13.05.1938, p. 10, “Pelas informações prestadas a polícia, o sr. Plínio Salgado desaprovou o movimento. O antigo Chefe da ação integralista se encontrava em São Paulo”.

recebeu um telefonema oficial que estava de serviço no Arsenal da marinha, comunicando-lhe que um marinheiro fugindo de bordo do tender “ Ceará”, lhe dissera que as 0 hora e 45 minutos deveria rebentar uma revolução”. (...) O comandante Seabra na sua residência, não tinha ainda acabado de fardar-se para ir ao quartel, recebeu um segundo telefonema do oficial de serviço do Estado Maior que lhe pediu que fizesse descer uma companhia de fuzileiros para o Arsenal o que foi por ele determinado e de pronto executado, seguindo após para o quartel. (...)

(...) comuniquei-me com o general Almério Moura pondo-o a par dos acontecimentos e lhe pedi reforços para auxiliar a ação dos fuzileiros, (...)

(...), avisei ao chefe da polícia e várias outras autoridades que a bateria do corpo de fuzileiros Navais ia romper fogo contra o edifício do ministério, para que soubessem assim que os disparos da referida bateria iam partir do lado do arsenal da marinha. (...) Aberto o fogo os amotinados ficaram numa situação desesperada e confusa, resolvendo então todos se renderem.<sup>314</sup>

Segundo o *Correio da Manhã*, o assalto ocorreu depois do que foi chamado de “chacina ao Ministério da Marinha”, a reação contra o levante veio do corpo de Fuzileiros da Ilha das Cobras. A publicação exaltou o nome de José Augusto Vieira, comandante que teria planejado o contra-ataque aos integralistas.<sup>315</sup>

No Inquérito que trata sobre o caso, o 2º tenente oficial do Estado do Arsenal da Marinha, Lafayete Marinho de Vasconcelos, declarou que foi avisado pelo Marinheiro Pedro Manoel do Carmo que naquele dia haveria um levante. Mas que, efetivamente, só a uma hora da manhã é que o tiroteio no edifício da Marinha começou.

Dirigi-me então, aquele prédio acompanhado pelo 3º Sargento José Linhares de Mendonça, não conseguindo entretanto nele penetrar,- nem mesmo dele me aproximas por ter sido recebido por forte tiroteio. Por isso voltei a sala de estado do Arsenal de Marinha, para tomar as seguintes providencias: fechar os portões, retrair a sentinela do portão principal e’ colocar na devida posição os dois F. Metralhadores de que dispõe a guarda, não podendo utilizar a metralhadora pesada ali existente por nao ter conseguido fazê-la funcionar.

---

<sup>314</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 14.05.1938, p. 1, “Como foi deflagrada e abafada a reunião verde na Marinha. Interessantes declarações do comandante Arthur Seabra, que dirigiu os Fuzileiros Navaes no ataque aos amotinados”.

<sup>315</sup> *Correio da Manhã* (RJ) 14.05.1938, p. 14, “Como se deu o assalto a baioneta ao ministério da Marinha. Detalhes impressionantes da ação dos Fuzileiros Navais contra os rebeldes”.

Assim organizei a resistência, até que fui obrigado a retirar um dos F. Metralhadores da posição para mandá-lo as Oficinas do lado da Praça Mauá', por ter tido conhecimento que este local estava sendo batido por tiros.

Pouco depois chegava ao Arsenal de Marinha um reforço de navais, comandado pelo Sr. 2º Tenente Washington Frazão Braga, garantindo a porta do Arsenal, por ter chegado no momento que se esgotava totalmente a reserva de munição da guarda do Arsenal. Em seguida chegava outro reforço comandado pelo Sr. 1º Tenente Gabriel Napoleão Velloso, ficando esta tropa a meu comando, e voltando este oficial ao quartel para tomar providencias a cerca dê recursos •

O 2º comandante interino Capitão de Corveta José Augusto Vieira, comparecendo nesta ocasião no Arsenal de Marinha, assumiu a direção das operações ordenando uma preparação da artilharia de 75 m/m do C.F.N., graças a qual foi quebrada a resistência dos insurretos.

O Comandante Vieira auxiliado por mim pude entrar assim de assalto no Edifício do Ministério, efetuando ali a prisão de todos os - amotinados presentes, que escoltados, foram recolhidos ao Corpo de Fuzileiros Navais.<sup>316</sup>

Em agosto de 1938 o nome de Plinio Salgado foi retirado do processo criminal, porém, o líder integralista continuou sem aparecer em público. Em 1939 foi sob exílio para Portugal, não se sabe ao certo se Salgado estava ou não recebendo auxílio governamental.<sup>317</sup>

Concluindo, os casos de assaltos a edifícios públicos que a meu ver foram tratados de maneira mais apelativa foram o assalto ao Palácio Guanabara e ao arsenal da marinha. Os casos de assaltos a órgãos do governo também foram tratados, mas não de maneira tão explicita, já que o palácio Guanabara ocupava grande parte do jornal e geralmente estava na primeira página.

---

<sup>316</sup> AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL. APL.207, ap. 8, p. 11.

<sup>317</sup> CALIL, Gilberto Grassi. "O Integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa". Tese (doutorado) apresentada ao Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF / UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do Grau Doutor. Niterói, 2005. p. 184. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/G-Calil-tese-doutorado.pdf>. Acesso em 03 jul. 2022.

## CONCLUSÃO

O que entendemos com a pesquisa é que mesmo o *Correio da manhã* e o *Diário de notícia* serem ambos ante Vargas e estarem sob censura, ainda sim suas publicações não eram padronizadas.

*O correio da manhã* usou muito mais o levante como forma de atacar os integralistas. além de ter uma coluna de teor opinativo chamada pingos e respingo, onde criticava não só os integralistas, mas também, ressaltava que já havia alertado um provável levante e criticava indivíduos das forças armadas que tinham vínculo com integralistas. Ou seja o *Correio da Manhã* aparenta mais liberdade que os demais.

Já *O Jornal*, é o completo oposto, é claro que publicou sobre o ocorrido, mas diferente do *Correio da Manhã*, não se utilizou do levante para atacar os integralistas. *O Jornal* se manteve só a publicar as notícias

No *Diário de Notícias* ao mesmo tempo que não identificamos um teor opinativo ou linha editorial clara em relação ao integralismo, em suas matérias. Muitas vezes as publicações se aproximavam das do *O Jornal*, se abstendo das críticas diretas a integralistas.

A dissociação do integralismo com o Estado Novo, já que houve a tentativa de igualar o levante a chamada intentona comunista. Movimento comunista ao qual os integralistas eram contra, levando também em conta que o Estado Novo nasceu semeado no medo ao comunismo, ou seja várias vezes houve a tentativa de se utilizar do levante, como um esforço no sentido de associar um protagonismo aos integralistas, e aproximá-los dos comunistas. Demonstrando um provável controle dos jornais, ao qual como foi visto, não era tão eficaz ou tão rígido.

No primeiro levante, é possível enxergar certa padronização dos impressos, com ressalvas, para o *Correio da manhã*, que utilizou títulos chamativos em critica aberta ao integralismo.

O segundo levante é dividido por partes, alguns dos momentos do levante não foram noticiados tendo grande enfoque ao ataque ao Palácio Guanabara. Enfim com a análise dos

três jornais utilizados, é possível chegar ao entendimento que mesmo sob censura, as publicações tinham suas diferenças, demonstrando o teor opinativo do jornal.

Em nenhum momento, algum dos três jornais tentou tirar o protagonismo e a responsabilidade do levante dos integralistas, ou buscou transferi-la para os militares, demonstrando talvez um certo controle dos três jornais.

Sobre o ocorrido, levou ao entendimento que mesmo sob censura, os jornais ainda mantinham seus ideais e os demonstravam nas publicações, não de forma direta, quando contrário a Vargas, mas sim de maneira subentendida. Por outro lado a padronização de *O jornal* e *Diário de Notícias*, além dos integralistas terem levado a maior parte da culpa nos três jornais sugere certo tipo e controle.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

### SITES:

<http://memoria.bn.br>.

<http://direito.folha.uol.com.br/blog/assalto>.

<https://www.dicio.com.br/assalto/>.

<http://www.integralismo.org.br/>

<http://www.eb.mil.br/>.

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<http://www.fgv.br/cpdoc>

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Alzira de *et al* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>, acesso em 18.07.2021.

ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). “Ação Integralista Brasileira”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/AIB>, acesso em 14.05 2021.

ATHAIDES, Luciana Agostinho Pereira. “A DOPS paranaense frente à Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945): do ‘atentado contra o regime’ à ‘associação naziintegralista’ ”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: <repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2997>. Acesso em 14.03. 2020.

ARAÚJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/O\\_Estado\\_Novo/2W3TDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/O_Estado_Novo/2W3TDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover), acesso em 28.03. 2021.

ATHAIDES, Luciana Agostinho Pereira. “A DOPS paranaense frente à Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945): do ‘atentado contra o regime’ à ‘associação naziintegralista’ ”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: [repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2997](http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2997), acesso em 14.03. 2020.

BERTONHA, João Fábio. Resenha da obra *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*” de Victor Rogério Lustosa. *Diálogos*, 10(2), 191 - 195. Disponível: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41349>, acesso em 14.04.2022.

BUENO, Roberto. “Francisco Campos y el autoritarismo brasileño. Un diálogo oculto con Carl Schmitt”. *Res Publica. Revista de Historia de Las Ideas Políticas*, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 77-98, 2 jun. 2016. Universidad Complutense de Madrid (UCM). Disponível em [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_rpub.2016.v19.n1.52207](http://dx.doi.org/10.5209/rev_rpub.2016.v19.n1.52207), acesso em 14.4.2022.

CALIL, Gilberto Grassi. “O Integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa”. Tese (doutorado) apresentada ao Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF / UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do Grau Doutor. Niterói, 2005. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/G-Calil-tese-doutorado.pdf>, acesso em 03.7.2022.

CALIL, Gilberto Grassi. “Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação”. *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 16, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20135>, acesso em 08.07.2021.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. “Espíritos do século XX”. In: *História e Parcerias*, 2018, Rio de Janeiro. Anais do encontro internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio. Rio de Janeiro: Anpuh, 2018. p. 1-6. Disponível em: [https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529854181\\_ARQUIVO\\_EspiritosdoseculoXX\(2\).pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529854181_ARQUIVO_EspiritosdoseculoXX(2).pdf), acesso em 07.08. 2020.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. SILVA, Bruna Daniel Araujo. *et al.* “O Integralismo no Estado Novo: da instauração da ditadura ao levante de maio de 1938”. *Contemporartes*, Rio de Janeiro, S/p. 09. 2020. Disponível em: <https://revistacontemporartes.com.br/2020/09/18/o-integralismo-no-estado-novo-da-instauracao-da-ditadura-ao-levante-de-maio-de-1938/>, acesso em 18.09.2020.

DANTAS, Elynaldo Gonçalves. “Palimpsesto Antissemita: desconstruindo o plano cohen. Escritas, Tocantins, v. 6, n. 1, p. 126-146, ago. 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1431/8224>, acesso em 16.05.2021.

DEFESA, Ministério da (org.). *O Levante Integralista de 1938*. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/>, acesso em 06.05.2021.

DOTTA, Renato Alencar. “Elementos verdes: os integralistas brasileiros investigados pelo dops-sp (1938-1981)”. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25102016-133428/pt-br.php>, acesso em 14.03.2020.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. “Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB)”. *Varia História*, [S.L.], v. 28, n. 48, p. 889-909, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-87752012000200019>, acesso em 14.03.2020.

GOMES, Ângela de Castro. “Azevedo Amaral e ‘O século do corporativismo’, de Michael Manoilescu, no Brasil de Vargas”. *Sociologia & Antropologia* [online], v. 2, n. 4, p. 185-209, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v249>, acesso em 11.7.2021.

GONÇALVES, Leandro Pereira. “O Corporativismo e a Triáde Integralista: Miguel Reale, Plínio Salgado e Gustavo Barroso”. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCHI, Marcos

Aurélio. *Corporativismos Ibericos e Latinos americanos*. Rio Grande do Sul: Edpuers, 2019. p. 209-238.

HACKENHAAR, Clayton. “O Integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199531>, acesso em 08. 07. 2021.

MENANDRO, Heloísa. In: ABREU, Alzria Alves de *et al* (coords.) *Revolta Integralista*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolta-integralista>, acesso em 21.03.2021.

MIRANDA, Gustavo Felipe. “O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo”. Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp134780.pdf>, acesso em 29.04. 2021.

MORAES, Marcio André Martins de. “Garanhuns sob o símbolo do sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede/handle/tede2/4782#preview-link0>, acesso em: 08. 07.2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o “perigo Vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo, Editora Perspectiva/FAPESP, 2002. Disponível em: [http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di\\_\\_a\\_2.\\_O\\_segundo\\_grande\\_surto\\_anticomunista.1961-64.pdf](http://pensamiento.unal.edu.co/fileadmin/recursos/focos/comunicacion/docs/Di__a_2._O_segundo_grande_surto_anticomunista.1961-64.pdf) acesso: 13.04.2022.

NASSER, David. *A revolução dos covardes*: diário secreto de Severo Fournier, reportagens políticas e ordens da censura do ditador. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1947.

NEVES, David Rodrigues Silva. “O diário de Severo Fournier e a repressão Brasil na primeira Era Vargas (1930-1947)”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas em 2020. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/356106/1/Neves\\_DavidRodriguesSilva\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/356106/1/Neves_DavidRodriguesSilva_D.pdf), acesso em 16.07.2021.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de. “Do integralismo ao udenismo: a trajetória política de Raymundo Padilha”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

OPES, Douglas Branco Pessanha. “Plínio Salgado e Alceu Amoroso Lima: integralismo, crise e revolução nos anos de 1930”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p. p 9–15. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/142.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf), acesso em 07.05.2021.

PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 30: as incertezas do regime”. *In*: ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, 22, 2003, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Dulce Chaves Pandolfi, 2003. p. 1-7. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544\\_f2e92f509ac7b6d2afca12c9afb2e651.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544_f2e92f509ac7b6d2afca12c9afb2e651.pdf), acesso em 06.07.2021.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu pai*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1960.

RAMOS, Vinicius da Silva. “As folhas dos jornais eram verdes?: a Ação Integralista Brasileira nas páginas de *O Jornal e Correio da Manhã* (1933-1938)”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:

<https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/13198/1/Vinicius%20da%20Silva%20Ramos.pdf>, acesso em 15.04.2022.

SANTOS, Rogerio Dultra dos. “Francisco Campos e os Fundamentos do Constitucionalismo Antiliberal no Brasil”. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 281-323, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/Vqdd8pp6LvxYZsjKgRgt7rb/?format=pdf&lang=pt>, acesso em 03.07.2022.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/470/1/GF%2022%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>, acesso em: 14 abr. 2022.

SENA, Andre Luis Prudêncio. “Madrugada do Espírito: o pensamento político autoritário de Plínio Salgado na conjuntura do entre-guerras”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Giselda Brito. “A Lógica da Suspeição contra a Força do Sigma: discursos de polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SILVA, Hélio. 1938: *Terrorismo em campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1971.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “Rebeliões integralistas de 1938: março e maio”. In: BARBOSA, Jeferson Rodrigues *et al* (org.). *Militares e política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 433-471.

VICTOR, Rogério Lustosa. “Getúlio Vargas e o Integralismo: histórias de pescador”. *Revista Angelus Novus*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 63-82, maio 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/88854/91728>, acesso em 03.7.2022.

VICTOR, Rogério Lustosa. “O Integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

VIEIRA, Ana Paula Leite. “O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)”. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/TESE%20ANA%20PAULA%20LEITE%20%20VIEIRA-Unirio.pdf>, acesso em 14.4.2022.

## FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo Nacional (AN), Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL144, v.1.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL144, v.1.  
Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 11.07.2020.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.149 Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 03.05.2020.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v3 Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 15.05.2020.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180 v.5. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v 7. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.180, v. 9. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, ap. 1. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, v. 2. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.197, v. 4. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.207, ap. 2. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.207, ap. 8. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL. 211. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL. 220. Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.263.

Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL. 266.

Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.271, v.1.

Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.

AN, Fundo de Tribunal de Segurança Nacional, BR RJANRIO C8.0.APL.375.

Disponível: <https://sian.an.gov.br/>. Acesso: 25.07.2021.